

# WINGS



J.C. OWENS

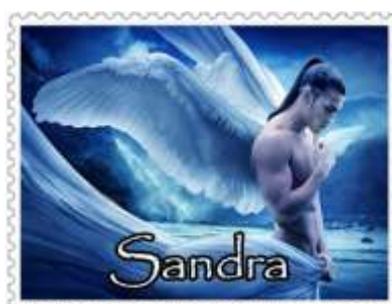
10/24



**Asas**  
J C Owens

# Asas

J C Owens





## RESUMO

Anyar, um jovem guarda de asas negras, só poderia ser acusado de estar no lugar errado na hora errada. Ele capta a atenção de um comandante, o príncipe inimigo de bonitas asas brancas, Vanyae, e é arrastado para o conflito entre seus povos.

Vanyae leva a incrível beleza de asas negras de sua casa e tudo o que sabe para um lugar de submissão, de escravidão. E apesar de Anyar fazer votos de nunca ceder ou se desesperar por sua liberdade, Vanyae encontra seu prazer em seu corpo e seu espírito.

Mesmo enquanto a batalha se enfurece, Vanyae começa a perceber que seu pássaro alado de asas negras é muito mais do que um escravo com ele...

## Comentário da Revisora Inicial Julyana:

Eu nem acredito que terminei esse livro. Minha primeira revisão \*emocionada\* E ainda ter o privilégio de revisar um livro tão lindo... Não que você não vá odiar o Vanyae por ser tão egoísta ou o Anyar por tomar as decisões mais inusitadas, mas ainda assim não tem como não amar. Vou começar a revisão do segundo livro ;P

## Comentário da Revisora Final Andréa:

Este é um livro em que você fica com os sentimentos em conflitos entre raiva, pena, angústia, mas este é o estilo de J.C.O., com algumas cenas hot, mas como de



# Asas

J C Owens

costume um sexo persuasivo. Vanyae é sim egoísta, e quer Anyar para si e faz de tudo para o tomar do Comandante. O que ele não esperava era se apaixonar pelo escravo e se ver escravo deste amor. Já o lindo e inocente Anyar com tudo que ele passa ele não perde sua inocência, bondade de coração... simplesmente lindo.



## CAPÍTULO UM

Anyar endireitou sua atenção, sentindo-se levemente ansioso, mas confiante em si mesmo ele não tinha nada fora do lugar quando seu comandante veio para inspecioná-los. Ele era o caçula e o mais novo dos guardas e a honra de ser incluído nessa tarefa tinha sua mente cambaleando com a determinação de não estragar qualquer coisa.

Comandante Tanyan veio ante ele, o rosto inexpressivo, embora Anyar tenha imaginado que ele podia sentir uma bondade por trás do exterior áspero do homem, uma gentileza que os outros guardas não acreditavam estar dentro do homem.

Anyar endireitou sua postura de forma perfeita, com os braços em seus lados, peito para fora e as mãos dobradas cuidadosamente em suas costas. Por longos momentos de tirar o fôlego, ele viu seu comandante lentamente o avaliar. Em seguida, os olhos frios mudaram-se para o próximo guarda e ele relaxou, ainda em estado de alerta, mas já sem a tensão.

Sua mente flutuava contente sobre vários assuntos, embora seus ouvidos permanecessem atentos para o som da voz do Comandante Tanyan, de modo que quando a inspeção terminasse ele poderia responder imediatamente a ordem para que eles recuassem e fossem para resolver seus negócios. Eles tinham uma hora antes iniciar o dever com a chegada da delegação.

Anyar franziu a testa, sem saber como se sentia sobre esta manobra política. Ele nunca tinha visto um Nazarian, embora muitos dos guardas tivessem lutado com eles sobre as bordas da planície, um território disputado entre Nazar, país dos Nazarian, e



# Asas

J C Owens

Melan, país de Anyar. Eles eram descritos como frios e brutais, levando a emoção a extremos. Anyar havia sido agraciado com histórias de terror sobre o destino dos prisioneiros que tinham o azar de cair nas mãos de um Nazarian e de como era preferível procurar a morte em vez de suportar as atrocidades através das quais eles tomavam seu prazer. Dizia-se até que amputavam as asas para fazer os prisioneiros Melanian mais dóceis e incapazes de escapar.

Anyar estremeceu, suas asas se fixando mais perto de seu corpo no mero pensamento de tal coisa. Perder uma de suas asas... Além de perder sua masculinidade, ele não poderia pensar em nada mais horripilante. A morte seria nada mais que uma bênção.

Ele empurrou os pensamentos perturbadores fora de sua mente e foi para mudar para roupas mais adequadas para o seu papel de guarda durante a visita da delegação para as negociações de paz. No uniforme com os familiares tons de castanhos e verdes sutis de seu povo, ele se sentiu mais à vontade. As cores se adaptavam à área de planícies em que a cidade de Cewa se situava, uma escolha estranha, ele pensou, para as negociações terem lugar em um lugar sem importância particular. Ele deu de ombros. Talvez fosse essa a atração do lugar; as grandes cidades eram muito cheias de intriga política para este momento histórico. Ele não podia dizer que ele se importava. Que isso estava acontecendo aqui era a sua vantagem e isso não o tinha levado a conhecer o comandante no último momento? Seu ídolo.

Ele sorriu um pouco, embaraçado com a admissão de sua admiração. O comandante era uma figura imponente, na realidade, e Anyar tinha passado muito tempo pesquisando ele e sua história militar e realizações, por isso, quando a chance de chegar a



# Asas

J C Owens

conhecê-lo pessoalmente tinha chegado, ele havia estado gelado e tremendo de emoção. A realidade era muito melhor do que os fatos secos e leitura. Tanyan era alto e forte, com as famosas asas douradas que viraram cobre em certas luzes. Lindas... Seu cabelo preto e olhos azuis, certamente não prejudicavam a sua aparência também, e a confiança e sensação de poder que o cercavam era inebriante para um jovem guarda fresco da faculdade. O culto ao herói havia instantaneamente se transformou em algo muito mais físico, algo que havia chocado Anyar consideravelmente.

Pura luxúria.

Não que ele não tinha tido encontros sexuais com ambos os sexos, mas eram mais desajeitados encontros lúdicos do que sexo real. Isso... Isso era como o despertar de algo dentro dele que ele não havia sequer sonhado existir. Seus lábios torciam em seca diversão. Sem dúvida, o comandante tinha muitos babando atrás dele, ele dificilmente notaria mais um jovem recruta.

Ele sorriu ironicamente. Isso era verdade o suficiente, mas pelos deuses, enquanto Tanyan estivesse aqui, ele iria apreciar a vista!



A delegação chegou com o sol do meio-dia e enquanto eles entravam pelos portões da cidade o primeiro pensamento de Anyar era que os Nazarians não eram realmente nenhum pouco diferentes do seu povo.



# Asas

J C Owens

Tinham a coloração diferente, sim, mas embora fossem mais alto e talvez de construção mais leve, eles tinham seus rostos angulares e suas mãos longas e finas.

No segundo olhar, as diferenças se tornaram um pouco mais aparentes: as penas menores, mais densos para o voo em áreas florestais, a coloração estranha que os fez parecer sobrenatural, não criaturas substanciais. Seus dedos terminavam em garras curtas e os seus dentes pareciam um pouco mais acentuada, talvez, que os seus próprios.

Ele observou-os com grande fascínio; suas asas brancas brilhavam ao sol e cabelos de vários tons de ouro brilhavam como o seu homônimo. Anyar nunca tinha visto cabelos tão bonitos.

Eles pareciam cavaleiros talentosos e montavam com habilidade praticada que atraiu sua admiração. Os próprios cavalos eram cinza claro ou branco, cores raras e preciosas em Melan.

Os olhos de Anyar brilharam quando ele olhou para os animais. Perguntou-se se ele teria a chance de vê-los mais de perto nos estábulos, pois mesmo a esta distância ele podia ver a criação e a qualidade do garanhão chumbo.

Pensou em sua égua, Meera, e desejou ardentemente que ele pudesse cruzá-la com este garanhão. Ela estaria na época no dia seguinte ou assim. Como ele gostaria de convencer o proprietário...

Olhando para o piloto fez engolir em seco e abandonar esse plano. O homem era extremamente alto, seu cabelo ouro pálido, mas seus olhos estavam completamente frios e retirados, um verde limpo e frio, que passara por aqueles antes dele, sem pausa, como se fossem sob aviso prévio.



Anyar ouviu murmúrios na multidão em volta dele, o ódio dos Nazarians evidentes nas maldições sussurradas jogadas naquele rosto frio. Quanto a ele, estava muito intrigado ao sentir ódio, ódio esse que se instalava em seu coração.

Sim, seus pais tinham sido mortos por aqueles de Nazar, mas ele era muito jovem para se lembrar deles, de modo que o sentimento não foi imediato a ele. Ele mudou de posição desconfortavelmente no pensamento. Aqueles em torno dele pensariam nele como um traidor por pensar muito mais de clemência.

A delegação veio ante os nobres reunidos, os quais o rei Melanian mesmo tinha enviado para esta ocasião. A saúde de Sua Majestade quase o impediu de participar. Anyar se esforçou para ouvir as palavras trocadas, mas o vento as soprou para longe dele e ele franziu a testa, irritado, por tê-las perdido.

Os Nazarians, no entanto, pareciam estar contentes, pois se demonstraram em perfeita harmonia, e depois de muita troca de banalidades os dois grupos desapareceram no salão principal, deixando a multidão de fora em excitadas discussões.

Anyar suspirou e acariciou o punho da sua espada. Era hora de informar a sua posição atribuída. Com sorte, isso iria se arrastar por mais tempo do que o planejado, então ele poderia pegar mais alguns vislumbres de seu comandante.



Vanyae suspirou pela centésima vez, embora tenha sido apenas em sua mente. Ele manteve o rosto completamente sem expressão ou pensamento e permaneceu de braços



cruzados. Seria uma vantagem para os Melanians se eles pudessem aprender a fazer o mesmo. O zumbido de conversas e manobras políticas correram sobre ele e ele retirou-se novamente para seus pensamentos, sabendo que Serin, o seu segundo comandante, juntamente com a dupla de Serin, Sindin, seu chefe diplomático, iria lhe contar os detalhes mais tarde. Eles sabiam muito bem onde sua mente estava, e não era sobre as negociações de paz.

A arrogância dos Melanians foi de tirar o fôlego. Suas demandas para o que essa "paz" implicaria foram vastas, complicadas e absolutamente irracionais.

Os lábios de Vanyae se curvaram levemente. Se ele estivesse a sério sobre essas conversações logo ele teria ficado com raiva e frustrado. Como era ele estava simplesmente mais convencido de que a decisão de seu pai era o caminho certo. Ele havia protestado no início, mas no final ele tinha visto o sentido do mesmo e capitulou. Esta guerra constante era inútil e contraproducente para a prosperidade de Nazar.

Deveria ser interrompida.

Vanyae controlava sua impaciência com a facilidade que só a longa prática traz. Como tudo, o momento era crucial.

Seus dedos acariciavam o pingente no pescoço, e o movimento conhecido acalmou-o ainda mais.

As vozes se levantaram e caíram em torno dele e ele deixou seu olhar vagar sobre os Melanians montados até que caiu sobre o seu alto comandante, Tanyan.



Frios olhos azuis encontraram os seus próprios e tomou sua medida. Vanyae acenou com a cabeça levemente em reconhecimento do poder e estatura do outro homem. Foi devolvido com firmeza, quase relutância, o ódio velado.

Vanyae sorriu por dentro, seu rosto não mostrando nada.

O Melanian saberia como o ódio verdadeiro se sente.



O pátio era bom após o calor do dia. As plantas e árvores ali proporcionando a sensação de exuberância e serenidade tão necessitada pelos Nazarians. As planícies nuas e a vasta área onde a cidade de Cewa se situava eram estranhas para eles, desprovidos de beleza em seus olhos críticos.

Levantaram trégua nesta paisagem quase familiar, alongando os músculos cansados e calmamente falando entre si sobre os resultados das negociações, as respostas, e temas que eles precisam para o dia seguinte.

Vanyae ignorou; com as mãos atrás das costas, ele vagou lentamente sobre a área, ouvindo a água na cachoeira pequena construída em uma parede.

Ele foi tão consciente de cada um dos guardas Melanian que discretamente observavam o pátio, como tinha sido dos guardas que estavam na sala de reuniões e aqueles que os havia acompanhado até aqui. Eles fizeram bem seu trabalho. Sempre observando, mas nunca demasiado perto para o conforto ou a ponto de insulto. Esses homens teriam ordens para manter seus postos e fazerem relatórios nos quais não



relatariam nada de anormal no comportamento ou nas palavras dos Nazarians. Tanyan era bom com a sua formação, ao que parecia. Mais uma razão para admirar o homem tanto quanto um inimigo podia.

Vanyae foi até a cachoeira e ficou ali com os olhos fechados, deixando o spray fraco arrefecer o rosto, desejando que ele estivesse em casa. Esta pequena recriação era o mais perto que ele poderia chegar agora, fato que ele suportou com um suspiro. Logo isto estaria terminado.

O mínimo farfalhar de penas o alertou e seus olhos se abriram sua mão indo para sua espada instintivamente.

Seus olhos se encontraram com os de ouro e ele congelou, preparado para a batalha... E depois se conteve com dificuldade.

Aos pouco seu coração desacelerou, e ele ajeitou com calma sua expressão, percebendo o que tinha acontecido.

Um dos guardas havia sido destacado para a cachoeira, aparentemente, e em sua abstração Vanyae não vendo o homem nas sombras, veio desconfortavelmente perto. Ele não conseguia se acostumar com a coloração Melanians, mas esta foi ainda mais diferente, uma criatura de sombras em vez de luz.

Asas negras...

Ele nunca tinha visto verdadeiras asas negras antes, embora tivesse visto muitas escuras no cativo Melanian.



Sua segunda leitura mostrou que este guarda era muito jovem e se esforçando para não mostrá-lo, mas sua respiração nervosa mostrou inexperiência e alarme com esta situação e a presença muito próxima de seu inimigo.

Vanyae observou outra coisa, no entanto.

Não havia a presença do ódio que fervilhava através dos outros em tal grau que Vanyae quase podia sentir o gosto. Havia muitas emoções naqueles olhos estranhos, mas não havia a presença da mais comum.

Intrigado, Vanyae virou-se e, sentado no banco que ficava na base da cachoeira, abriu suas asas completamente e descansou-as ao longo das costas, movimento que fez com que as penas de voo quase roçassem a coxa do guarda jovem.

Ele deixou cair os olhos quase fechados de novo, tentando ver o Melanian com clareza suficiente para fora do canto do olho.

O jovem se acalmou progressivamente de sua tensão, discretamente esfregando a mão direita para baixo nas calças para enxugar o suor pegajoso, antes de retornar os dedos para o punho de sua espada embainhada na postura padrão.

Vanyae sorriu interiormente, divertido, conforme os olhos do guarda caíram quase que contra sua vontade para a asa branca tão perto de sua mão esquerda. O rapaz, pois ele era pouco mais do que isso aos olhos do Nazarian, parecia tão fascinado com coloração de Vanyae como Vanyae era com a sua.

Os dedos se contraíram, e lentamente, tão lentamente quanto possível, timidamente tocou uma pena branca para em seguida puxar seu braço à distância. O



rosto do menino ficou vermelho conforme ele arrebatou o olhar curioso da asa e olhou para a distância como um bom guarda deveria.

A testa de Vanyae subiu em maravilhado espanto.

Essa tinha que ser a primeira vez na história que um Melanian havia tocado um Nazarian sem qualquer coisa, muito menos raiva.

Ele deixou seu olhar discreto se mover pelo guarda em curiosidade. O rapaz era alto para um Melanian, embora ele só fosse até o ombro de Vanyae. O enviado deixou seus olhos seguirem a linha das asas negras como a noite de onde elas estavam um pé sobre a cabeça do jovem guarda até onde elas acabavam logo acima dos sapatos do menino. Já as tinha altas e largas, o que era estranho os olhos do Nazarian.

Eles tinham aprendido que as asas dos Melanian eram armas em si e esse menino tinha um conjunto perfeito delas. Uma bofetada poderia facilmente enviar um homem adulto para o chão. Elas eram algumas das maiores que Vanyae já tinha visto, fazendo com que o menino olhasse quase frágil à sua sombra e ele se perguntou se elas marcavam como ele seria na vida adulta, grande e poderoso.

Os cabelos negros como suas asas foi cortado a ponto de ofender a vista de Vanyae. Ele sempre se perguntou por que a outra raça parecia escolher por arruinar, massacrar, tão deliberadamente seus cabelos. Nazarians nunca cortavam os cabelos a menos que fosse necessário e o próprio cabelo de Vanyae se curvava para baixo em suas nádegas, proporcionando uma sensação torturante quando ele andava nu.

Ele sorriu para si mesmo no pensamento, imaginando quão chocado este jovem guarda estaria se ele soubesse o que o inimigo estava pensando. Pensamentos de



sexualidade trouxeram o seu olho de volta para o rapaz e ele, de braços cruzados, continuou a percorrer os traços finos.

A morena pele reluzente, tão diferente da própria brancura do Vanyae, esticada sobre as maçãs do rosto elevadas, tensas e até uma boca suave, não estava desenhada em uma careta de desaprovação apertada como os outros guardas realizavam permanentemente. O corpo de Vanyae reagiu e ele se sentiu espantosamente atordoado que pudesse sentir esse choque de desejo por um inimigo. Ainda assim ele podia apreciar a beleza, com certeza, onde quer que ele a pudesse encontrar e este rapaz era bonito. Como mostrava a túnica sem mangas, seu corpo era esguio e revestido com os músculos de um atleta natural e não a musculatura definida duramente do soldado endurecido. Ele ainda não tinha tido tempo para desenvolver tal coisa. Ele estava claramente como a natureza tinha a intenção que ele fosse, não esculpido a partir de necessidade e lutas.

Tal pureza fez as calças de Vanyae sentirem-se repentinamente apertadas e ele amaldiçoou em voz baixa. Com o advento desta missão ele não tinha podido atender as suas necessidades antes de sair de Nazar. Certamente essa foi a única razão pela qual ele podia sentir essas coisas aqui e agora, num momento tão inadequado.

Ele tentou orientar seus pensamentos longe de tais necessidades carnis perigosas. Ele deixou seus olhos deslizarem para os outros guardas a certa distância e observou outras diferenças. Os outros guardas tendem a manter as suas asas para o alto por trás de seus ombros, ligeiramente para cima e para fora em uma tela quase inconsciente de agressão, enquanto o jovem guarda as manteve presas de forma justa contra si, seria um sinal de incerteza ou era a sua coloração estranha aqui também? Ele estava conscientemente tentando esconder suas próprias asas?



Vanyae refletiu levemente sobre o assunto, os dedos tamborilando na madeira do banco. Lentamente, seus dedos parando conforme um pensamento entrou em sua mente, um pensamento pequeno que cresceu. Este jovem guarda provocou a ascensão de sua luxúria em uma medida que não acontecia a muitos anos e seria tão difícil...? No começo, ele resistiu à ideia, mas seu pai queria um segundo refém, alguém para manter Tanyan na linha. Por que não este menino?

Ele levantou-se, mas só depois de armazenar completamente o rosto do jovem guarda em sua memória. Ele se certificaria de que Serin e Sindin o vissem também. Se a oportunidade surgisse...

A antecipação fez crescer um sorriso em seus lábios e ele se sentiu mais leve em si mesmo, interessado em algo pessoalmente pela primeira vez em muito tempo.



Anyar assistiu o distanciamento do Nazarian e deu um suspiro de alívio misturado com uma admiração relutante. O homem era lindo de uma forma mortal e assustadora, do jeito que você admirava um predador de uma distância saudável e com respeito desconfiado. Sua resposta súbita a não intencional presença oculta de Anyar tinha sido a de um guerreiro e Anyar só poderia ser grato pelo Nazarian ter experiência suficiente para segurar o ataque. O resultado caso o Nazarian tivesse perpetrado um ataque teria sido desastroso na verdade, mais um incidente entre as duas raças para causar mal-estar.



Felizmente, eles haviam sido blindados o suficiente pelas árvores para que nenhum dos outros guardas demonstrasse ter notado o seu erro em meio às sombras e ter provocado algum mal.

Ele engoliu em seco, castigando a si mesmo. Sua desatenção aos detalhes das coisas quase o levou ao fracasso, o que era algo muito próprio que ele tanto temia. Ele seria mais cuidadoso a partir de agora. Ele iria transformar-se em alguém em quem o Comandante Tanyan poderia confiar.



Vanyae saudou a manhã com alívio. Alongou-se ao levantar, fazendo uso das instalações para se aliviar e em seguida tomar banho. O calor já aumentava nas planícies e ele ansiava por sua casa, pelo frescor e beleza exuberante que tanto contrastava com essa desolação estéril. Logo, ele assegurou-se, em breve.

Serin e Sindin se juntaram a ele nas câmaras de banho e eles discutiram as atividades do dia, tanto as planejadas e quanto as não planejadas. Eles estavam cautelosos sobre sua menção do menino, eles tinham a esperança de levar o segundo refém como alguém simplesmente na vizinhança quando o sequestro ocorresse.

Vanyae apenas encolheu os ombros. Ele faria tudo o que podia para garantir que o seu novo plano fosse aceito, mas ele não colocaria em risco o original por seus próprios desejos. Ele saiu da água. Depois que se secou fora ele balançou suas asas. Depois de vestir-se com cuidado para a aparência e efeito, então ele saiu para a varanda e abriu suas asas para secar. No chão, à direita e a uma certa distância, os guardas já estavam fora e



# Asas

J C Owens

praticando e Vanyae assistiu de braços cruzados, consciente de que seus próprios guardas estavam observando cada nuance de movimento dos Melanians de outro lugar na enorme varanda. Ele não estava muito interessado, não até que ele pegou um lampejo de asas pretas que fizeram com que sua atenção se aguçasse e ele se inclinou sobre o parapeito de pedra, absorvido.

Cautelosamente circulando Meel, Anyar manteve a sua adaga para fora e para a direita. O outro homem era bem conhecido como o melhor lutador com adagas em Melan, e ele veio com as forças do Comandante Tanyan.

Anyar sabia que ele tinha se empurrado e até mesmo saído um pouco de sua personalidade quando se aproximou do grande homem e timidamente perguntou se ele teria tempo para mostra-lhe algumas novas práticas, mas ele estava desesperado para aprender. Além disso, onde Meel estava Tanyan não estava muito distante. A chance de estar muito mais perto de seu ídolo havia dirigido Anyar a uma ousadia que ele nunca teria considerado normalmente.

Meel tinha realmente sorrido para ele, nem um pouco surpreso com seu pedido e Tanyan tinha realmente se voltado então e olhado, olhado verdadeiramente, para Anyar. Seus olhos azuis passando de cima para baixo no corpo do jovem guarda com uma pitada de interesse.

Tinha sido tudo que Anyar poderia fazer para manter o pensamento claro e se afastar de forma adequada e com algum tipo de graça.

Quando Meel pediu a Anyar para ajudá-lo na demonstração ele ficou completamente atordoado e orou desesperadamente que para não fizesse de si mesmo



um tolo completo na frente dos outros, muitos dos quais pensavam nele como menos que digno de seu lugar nas fileiras de guarda. Seu tio havia lhe ensinado a lutar com uma adaga e embora ele soubesse que tinha muito a aprender, não era um completo novato na arte.

Ele e Meel circularam-se conforme o homem mais velho explicava em voz alta as várias manobras distintas que ele estava mostrando. Ele fê-los em câmera lenta, então mais e mais rápida, até que estivessem em tempo real.

Anyar estava focado totalmente nas instruções, e quando Meel começou a incorporar os movimentos em sequências e padrões, ele seguiu o exemplo do outro homem, logo encontrando o ritmo e perdendo-se na dança do aço. Quando Meel finalmente pediu a suspensão, ele ficou surpreso ao encontrar-se para trás, um grande fluxo de suor em sua testa e vários pequenos cortes nos braços, que não se lembrava de ter recebido.

Meel bateu-lhe no ombro, seu olhar entusiasmado e admirado. "Bem feito, meu jovem. Você tem os ingredientes de um Bladesman de primeira classe. Você tem a mentalidade e a graça. Muito bem!" As palavras encheram Anyar com um silencioso orgulho que nunca tinha sentido antes e ele sorriu um pouco, balançando a cabeça em reação e sentindo seu rosto se ruborizar.

Meel afastou-se chamando outros voluntários, e vários guardas bateram no ombro de Anyar com algum orgulho, outros o ignoraram ou o miraram de forma calculista, fria e impassível enquanto ele seguia o seu caminho.

Eles não conseguiram atravessá-lo desta vez.



Ele passou o resto da prática em uma névoa de felicidade e quando os outros foram se dispersando no final, ele se conteve, querendo tempo para si mesmo e para experimentar alguns movimentos que ele não tinha completamente fixado ainda.

Quando o pátio estava quieto, ele saiu das sombras e começou a experimentar o que havia aprendido, falando consigo mesmo em voz baixa enquanto ele trabalhava como cada movimento poderia ser transformado em algo que se adequasse ao seu próprio estilo.

Certeza de sua solidão, seu coração quase parou quando outra lâmina encontrou a sua e parou em meados de manobra. Seus olhos dourados se arregalaram ao encontrar divertidos olhos azuis.

Imediatamente ele recuou e inclinou a cabeça, com coração batendo forte.

"C-Comandante Tanyan..." ele gaguejou, xingando o calor que aqueceu suas maçãs do rosto.

"Anyar, não é?" Tanyan perguntou com um pequeno sorriso.

"Sim, meu senhor." Anyar se perguntou se ele poderia sufocar simplesmente com esta proximidade inesperada de seu herói. Este fim, a presença de Tanyan foi além da descrição, um deslizamento de consciência ao longo dos nervos do jovem.

"Você é bom com a adaga. Meel ficou satisfeito e não são muitas as vezes nas quais ele faz um elogio." O sorriso de Tanyan se alargou conforme o rubor de Anyar se aprofundou. "Venha agora, me mostre o que você aprendeu."



Duelando despreocupadamente com essa lenda viva, Anyar pensou que ele tinha que ter deslizado em um sonho. O homem mais velho corrigiu-o em várias coisas, fê-lo tentar novamente até que os movimentos suavizaram na coesão entre sua mente e corpo. Quando por último Anyar já não podia manter-se em exaustão, pediu a suspensão a Tanyan e andaram juntos amistosamente para o bebedouro.

Anyar estava atordoado, tendo a certeza de que isso não poderia passar de uma ilusão, pensamento que foi agravado quando ele levantou a cabeça do bebedouro e Tanyan chegou mais perto, estendendo a mão e suavemente limpando a umidade do seu lábio inferior com um dedo.

O jovem guarda congelou, os olhos arregalados e assustado, incapaz de reagir quando o comandante chegou ainda mais perto e pressionou o corpo de Anyar para cima contra o poste atrás dele conforme o homem mais alto lentamente emoldurou seu rosto, se aproximou e roçou em seus lábios com os próprios. Quando não houve nenhum protesto, apenas o som do seu suspiro chocado e respiração mais rápida, Tanyan inclinou sua boca completamente ao longo da de Anyar, ao princípio lentamente, depois mais ou menos conforme ele sentiu a rendição completa em suas mãos.

Anyar gemeu com a sensação da língua penetrando sua boca, reivindicando-a. Isso não poderia estar acontecendo, não poderia... Ele sentiu as mãos deixarem seu rosto e traçarem um caminho para baixo sobre seu peito nu, através da umidade do suor, fazendo uma pausa para esfregar seus mamilos provocando-os.

Ele pensou que iria afundar em seus joelhos, tão potente foram as sensações. Oh deuses... O comandante, o protagonista de todos os seus sonhos e fantasias íntimas, estava tocando-o, beijando-o, levando-o...



Uma grande mão desceu para seu quadril, puxando-o de encontro ao corpo de Tanyan e deixando-o sentir o desejo do comandante pressionado contra sua própria necessidade crescente.

Ele tremia como uma vara, o calor da paixão superando todo o senso de certo e errado ou a realização de onde eles estavam.

Vozes cortaram o momento e Tanyan imediatamente empurrou o menino de volta, ajustando sua própria roupa, e alisou sua expressão em neutralidade. Os olhos dele no jovem guarda, os lábios inchados de beijar, os olhos enormes com o desejo do qual ele não tinha conhecimento. Sua inocência foi muito afrodisíaca para o homem mais velho e Tanyan amaldiçoou em voz baixa pela interrupção.

"Vinde a mim esta noite, Anyar. Deixe-me te ensinar outras coisas além de adagas." Sua voz era suave, em desacordo com o desejo feroz que fazia seu corpo doer.

O menino assentiu silenciosamente, incapaz de falar, incapaz de negar qualquer coisa a Tanyan naquele momento.

Longos dedos acariciaram o rosto afogueado, alegando.

"Vou encontrá-lo no pátio da cachoeira. E vou garantir que não sejamos interrompidos novamente." A voz do comandante ronronou com sensualidade e propósito e Anyar só poderia acenar com a cabeça novamente, mudo, olhando com espanto atordoado como Tanyan se virou e saiu do pátio de treinamento.



Ele ficou onde estava durante muito tempo, mal notando os servos que tinham vindo para limpar as armas e o colocou para fora. Ele balançou com o desejo frustrado, sem saber o que ele tinha perdido, apenas sabendo que ele queria mais, muito mais.

Quando finalmente reuniu seus sentidos ele saiu do pátio e se afastou uma pequena distância da cidade, necessitando de espaço para pensar, para entender o que tinha acontecido. Uma grande felicidade subiu nele e ele olhou em volta, garantindo que os outros não estavam perto antes de abrir suas asas.

Vanyae assistiu o processo a partir de seu ponto de vista com os olhos apertados, ao passo que sentia uma certa raiva ir subindo dentro dele. Era muito óbvio que o jovem guarda foi completamente dominado pela atenção de seu comandante, por isso era fácil de supor que isso não tinha acontecido antes.

Os dedos Vanyae se apertaram no parapeito de pedra, seus lábios apertados.

A voz de Sindin quebrou seus pensamentos sombrios.

"Isso é interessante... E muito fortuito para nós."

A carranca questionadora de Vanyae detonou sua falta de compreensão.

Sindin bateu em seu ombro. "É bastante óbvio que eles vão estar juntos esta noite..."

A carranca de Vanyae se converteu em alívio e um sorriso frio curvou seus lábios.

"Você está certo, meu amigo. Os deuses são bondosos."



# Asas

J C Owens

Eles assistiram ao jovem guarda sair para a planície e Vanyae ficou sem fôlego ao ver o menino espalhar suas enormes asas... E saltar para o ar. Ele subiu com velocidade incrível, as enormes asas empurrando seu corpo leve com facilidade e depois ele brincou...

Eles assistiam com admiração como ele rolou, girou e se dobrou com alegria pura expressa em cada movimento.

Os Nazarians eram conhecidos como os melhores pilotos das duas raças, suas asas menores dando-lhes licença para manobras aéreas que as asas maiores não conseguiam, mas nunca tinham visto qualquer coisa assim entre os Melanian. Sua graça e beleza no ar retinha seu fôlego. As negras asas espalhadas contra o céu azul fizeram com que Sindin corresse para seu bloco de desenho, que nunca esteve longe de seus dedos e ele desenhou furiosamente enquanto seus olhos corriam da cena diante deles para a que sua mente criou no papel.

A respiração Vanyae cresceu mais rápida, os seus olhos brilhantes com fervor.

Esse rapaz seria seu. Quaisquer dúvidas que tivera foram perdidas ante a necessidade de possuir.

Ele tentou argumentar consigo mesmo que isso era para seu país, que o menino seria um refém aceitável por causa de seu relacionamento com Tanyan. O comandante não iria querer o menino ferido. Mas por dentro ele sabia que era por uma razão muito diferente, algo novo em seu coração.



## CAPÍTULO DOIS

Anyar levou uma eternidade em seus preparativos, o nervosismo fazendo-o largar as coisas e experimentar suas poucas peças de roupa várias vezes, tentando encontrar a melhor combinação para impressionar Tanyan. Sua mente girava primeiro com medo, depois com desejo, então a com certeza de que isso era algum tipo de diversão por parte do comandante, que ele não estaria lá no pátio e Anyar tinha sido alvo de mais uma piada.

No momento em que ele finalmente se aproximou do pátio, era um feixe de nervos tentando distrair-se do sentimento de mal ao estômago. Ele empurrou a porta grande aberta e entrou, sentindo seu espírito afundar conforme olhou para o espaço exuberante e não viu ninguém.

Combatendo a droga que mantinha seu sistema escravizado, Tanyan estava deitado de lado, observando o menino entrar. No começo, ele achava que o jovem guarda era o culpado por isso, mas agora ele percebeu que Anyar seria uma vítima tanto quanto ele.

Fez um grande esforço contra a mordaca em sua boca, lutando para fazer um som, lutando para avisá-lo.

Anyar deu um passo incerto mais para dentro do pátio.

"Comandante," ele disse suavemente, sentindo uma onda de alívio quando viu o movimento na parte de trás, perto da cachoeira. Fazia sentido ir para lá, pois estava escondido de olhares curiosos, um local perfeito para a privacidade.



Ele engoliu em seco, tentando conter sua ansiedade. Ele não queria que Tanyan acreditando que era mais jovem do que ele já era. Certamente ele poderia conseguir alguma forma de normalidade para que não parecesse um tolo. Ele reuniu-se e caminhou para a frente de forma constante. Seu coração saltou quando uma forma veio das sombras...

Ele parou abruptamente, confuso e decepcionado em igual medida.

"Olá." A voz do emissário Nazarian era baixa e profunda, com sotaque, mas compreensível de alguma forma.

Anyar curvou a cabeça em reconhecimento, embora seus olhos procurassem além da figura alta e brilhante. "Saudações, meu senhor," respondeu ele civilmente. "Você já viu Comandante Tanyan aqui esta noite?"

O Nazarian balançou a cabeça, os olhos verdes se divertiam com seus pensamentos, o primeiro sinal de emoção que Anyar tinha visto a partir de qualquer um deles.

"Eu tenho...?" Sua sobrancelha levantada na consulta.

Anyar ruborizava desconfortavelmente. "Anyar, meu senhor. Eu sou um dos guardas do Comandante Tanyan," afirmou com orgulho silencioso.

"Ah sim, eu vi você mais cedo aqui."

Anyar acenou educadamente, desejando que o outro fosse embora.



Uma mão magra acenou-lhe passado. "Eu só vi o comandante pela cachoeira. Ele parecia ansioso para falar com alguém. Deve ter sido você que ele estava esperando."

Anyar cautelosamente inclinou novamente, então deslizou para trás, com olhos ávidos digitalizando as sombras.

Ele congelou, então, de repente, tornou-se consciente de uma coisa: não havia guardas e o Nazarian estava aqui. Ele olhou para trás por cima do ombro, mas o outro homem havia desaparecido.

Com o cenho franzido agora, pressentindo algo de errado, ele foi em frente com cautela, mão na espada. Ele dobrou o tronco de uma árvore, então olhou com horror antes de correr para frente e se ajoelhar ao lado de seu comandante, pegando a sua faca para cortar os laços, abrindo a boca para gritar por socorro.

Os olhos arregalados de Tanyan e sua expressão horrorizada foram a única advertência que teve Anyar quando, em seguida, algo bateu em sua cabeça e a negritude girou sobre a sua consciência conforme ele caiu nos braços fortes.

Anyar sentiu uma forte picada em seu pescoço e a voz do enviado murmurando em seu ouvido "Está tudo bem Anyar. Eu tenho você."

A escuridão, em seguida, foi completa.

Os cavalos mantiveram um galope constante durante a noite e Vanyae e sua companhia sentiam a leveza de espírito que a ideia da proximidade de sua terra natal e as boas vindas à notícia de seu sucesso trazia.



Vanyae sorriu e acariciou as penas pretas em seu colo com dedos possessivos. O jovem Melanian estava totalmente mole, balançando com o movimento do cavalo, onde ele estava deitado de barriga para baixo sobre as coxas de Vanyae.

Ele tinha ido bem. Eles tinham o prisioneiro que tinha procurado e só tiveram que incapacitar alguns guardas para garantir a estabilidade da saída. E agora ele tinha esse prêmio, esta criatura exótica que tanto o fascinava.

Fazia tempo desde a última vez que ele tomara qualquer um em sua cama, muito menos um escravo. Ele tinha estado por muito tempo focalizado na maldita guerra e em proteger o seu povo para se preocupar com prazeres pessoais, mas agora... Agora, se as coisas corresse de acordo com o plano, se a sua captura de Tanyan pudesse pôr fim as hostilidades, pelo menos, por um período, então Vanyae poderia encontrar novamente um pouco de tempo para si.

Seu pai ficaria satisfeito. Por muito tempo ele repreendeu seu filho por negligenciar a si mesmo, por não encontrar alegria na vida. Certamente ele permitiria a Vanyae esta indulgência e não reclamaria o rapaz para si mesmo.

Mais uma vez ele acariciou as penas pretas e ansiava pela santidade da casa, onde ele poderia começar o trabalho de domar Anyar.



Anyar veio à consciência gradualmente, seus sentidos ainda nadando, de modo que ele teve de lutar contra a vontade de vomitar. Sua cabeça bateu no tempo da batida de seu



# Asas

J C Owens

coração e ele gemeu com a dor dela. Por um tempo a dor era tudo no que podia se concentrar, mas aos poucos ele se tornou consciente de outras coisas.

Ele tinha amarras em seus pés e mãos e um aperto em sua cintura quando tentava dobrar suas asas revelava-lhe estar preso ali também. Ele abriu os olhos devagar, a memória começando a voltar. Temerosas memórias.

Piscando atordoado, ele tentou trazer sentido para seu entorno. Ele estava deitado no chão, à sombra de uma árvore raquítica e para seu alívio, as planícies se espalhavam à sua volta. Não estava em Nazar, então.

Ainda não, ele emendou quando viu o acampamento montado em torno dele e os Nazarians agrupados perto de um fogo, alguns comendo, alguns se recostando para trás, conversando com os outros. Parecia haver muito mais do que os de grupo original, então ele só podia supor que eles haviam se encontrado com mais guerreiros a caminho de casa.

Ele engoliu em seco, sentindo os dedos no nó da corda que prendia suas mãos atrás das costas. Ele tinha que fugir. Ele tinha que fazer. Desesperadamente os dedos tentaram trabalhar na corda, mas era impossível, ele logo percebeu. A corda estava sem folga, não importava como ele torceu e o nó apenas permanecia fora de seu alcance.

Ele cedeu por um momento, então tentou trazer os calcanhares até os dedos. Se ele ao menos pudesse liberar seus pés-

Um silvo de respiração por perto o fez congelar e depois um gemido fraco atrás dele o fez rolar para enfrentar o som na defesa.

Seus olhos se arregalaram e ele tentou se mover sobre a terra o melhor que pôde.



"Comandante," ele sussurrou.

O rosto de Tanyan estava coberto de sujeira, como se tivesse sido lançado aqui ou talvez tivesse lutado contra seus captores e seu rosto tinha uma contusão em escurecimento.

Anyar sentiu sua fúria crescer então, que este homem de tamanha grandeza pudesse ser tratado assim.

Os olhos azuis se abriram bem devagar e com foco no jovem guarda. Seus lábios se curvaram em um esgar de dor.

"Anyar." A raiva de si mesmo de Tanyan cresceu quando ele olhou para os preocupados olhos de ouro do homem mais jovem. Se ele não tivesse sido tão tolo, tão egoísta, isso não teria acontecido. Ele havia sido preso como o mais imaturo dos recrutas e Anyar tinha sido trazido puramente pela sua associação com o comandante. Tanyan sentia-se profundamente responsável pelo menino e prometeu que de alguma forma, de alguma maneira, ele iria encontrar uma maneira de vê-los livres e em casa novamente.

Anyar lançou um olhar sobre o ombro para os Nazarians, então se inclinou mais perto de Tanyan. "Se eu pudesse soltar suas mãos, Comandante, então podemos ter uma chance. Role sobre si."

Mordendo o lábio contra a dor da costela quebrada ou talvez rachada, Tanyan o fez e sentiu o jovem guarda fazer o mesmo. Finos dedos roçaram sobre os seus e começou a se preocupar em desfazer o nó da corda. Ele fechou os olhos e orou a qualquer deus que pudesse estar escutando.



Anyar mordeu os lábios e forçou seus dedos sedentos de sangue para o trabalho, apesar da dor, seus olhos fixos nos Nazarians. Ele começou a se desesperar quando ele não fez nenhum progresso, então algo de repente cedeu, o nó soltou apenas uma pequena quantidade, suficiente para lhe dar esperança. Ele tentou com mais afinco, o coração pulando, quando a corda caiu. Ele ficou imóvel, observando o inimigo enquanto ele sentia Tanyan se curvar para trabalhar nas cordas que prendiam seus pés. Embora parecessem horas, foram apenas alguns minutos até que ele sentiu suas próprias amarras serem trabalhadas e logo ele estremeceu conforme a circulação começou a restaurar-se em seus braços.

"Vou tentar trabalhar gradualmente meu caminho atrás das árvores, Anyar, então vai você fazer o mesmo e se mantivermos as árvores entre nós e eles..."

Anyar acenou com a cabeça, ainda deitado mantendo seu corpo blindando os movimentos de Tanyan. Quando o chiado veio por sua própria volta, ele mudou-se gradualmente, um pouco de cada vez, de modo que se alguém olhasse para ele, pareceria que ele estava na mesma posição de antes. Pouco antes de chegar à árvore, ele cuidadosamente soltou a cinta que segurava suas asas prisioneiras.

Aos poucos, com cuidado, ele deslizou ao lado de Tanyan, em seguida, sentou-se, tremendo de reação.

Levantou-se com alívio, surpreso ao ver Tanyan ainda sentado.

Ele estendeu a mão e o comandante se levantou com dificuldade, respirando duramente.

O coração de Anyar despencou.



"Você está ferido?" ele questionou hesitante, com medo de insultar Tanyan, mas não tendo certeza de como proceder.

Tanyan assentiu. "Eu não posso voar longe, mas..."

Anyar lançou um olhar ansioso para o oeste, em direção a casa. "Nós podemos fazer isso em etapas e, talvez, andar um pouco."

Tanyan mantinha uma mão em suas costelas e lançou um olhar rápido de volta ao acampamento. "Temos de nos apressar." Ele tomou uma respiração superficial, como se preparando-se, e em seguida saiu do alcance das árvores e saltou em voo, com Anyar logo atrás.

Vanyae ficou surpreso com o som das asas, e em seguida assistiu, incrédulo, enquanto as duas figuras subiam para o céu.

Seu rugido de fúria alertou os outros e eles correram para os cavalos.

"Estúpido, estúpido, estúpido." Vanyae castigado a si mesmo. Ele deveria ter dito a eles que os prisioneiros fossem separados, mas ele não tinha pensado nisso na época e tinha estado muito ocupado depois para cuidar disso ele mesmo.

"Droga, droga, droga." Ele se inclinou sobre o pescoço de seu cavalo e, observando os fugitivos, registrou com satisfação como o Comandante inimigo voava.

"Ele não vai chegar longe," ele gritou por cima do ombro para Serin.

"Sim, mas o outro..."



# Asas

J C Owens

"Ele não vai deixar o seu comandante." Vanyae só esperava que ele tivesse lido o caráter protetor do jovem corretamente ou o prêmio poderia ser perdido. Vanyae levaria essa cruzada para os céus, se ele tivesse, e ele sabia que ele e seus homens eram pilotos mais rápidos, mas seria uma batalha para recapturar o jovem Melanian, dadas as suas habilidades notáveis no ar. Vanyae não tinha vontade de ver seus homens prejudicados na tomada.

Ele estabeleceu seu ganhão em um galope constante, mantendo os olhos fixos em suas metas e falou por cima do ombro para Serin.

"Preparar os dardos."

Ansiosamente percebendo que Tanyan já ai vacilante, a sua asa batendo errática e instável, Anyar diminuiu o ritmo. Ele circulou de volta ao seu comandante.

"Você pode fazê-lo, senhor. Mantenha-se indo adiante." Ele tentou manter o tom sem dúvida.

Tanyan olhou para ele com um sorriso triste, o suor escorrendo pelo seu rosto enquanto ele trabalhava. "Não estou no humor, garoto. Eu não sou um tolo." Ele balançou a cabeça quando viu o rubor envergonhado de Anyar. "Você está fazendo o seu melhor, Anyar. Não tome minhas palavras como nada além de camaradagem, tudo bem?"

O jovem guarda balançou a cabeça, depois olhou para trás, arregalando os olhos. "Eles estão vindo." Sua voz tremeu um pouco, apesar dos seus esforços.

"Cavalos ou voando?" A voz de Tanyan saia recortada.

"Os cavalos, senhor," relatou Anyar, equilibrando-se com o tom de comando.



"Eles só vão voar se eles pensarem que não podem nos levar para baixo e agora eu estou baixo o suficiente para que seus dardos possam me alcançar, assim..."

Anyar olhou para o Comandante com desconfiança. "Dardos, senhor?"

"Foi assim que eles me pagaram no pátio. Lutei com eles, mas as drogas..." Ele deu de ombros e recuou de sua própria tolice em tal movimento.

Ele olhou para Anyar com uma carranca. "Se eles me pegarem, você tem que ficar fora de alcance, você tem que ir."

Anyar encontrou seus olhos com um brilho de teimosia nas profundezas que Tanyan não tinha notado no menino antes.

"Eu não vou deixá-lo, senhor. Estamos nisso juntos e juntos saímos ou não em tudo."

"Eu comando," Tanyan ofegou, sua asa direita vacilando completamente quando uma pontada de dor em suas costelas se sucedeu as suas palavras. Ele despencou imediatamente e esperava que ele pudesse pelo menos encontrar a força para deslizar para o chão ao invés de se acidentar. Ele não tinha certeza se poderia sobreviver a um golpe como aquele.

De repente, um corpo estava embaixo do seu, firmando-o.

"Segure-se em mim, senhor. Deixe-me tomar o seu peso."

"Impossível..." Tanyan engasgou, mas, atordoado, fez como o menino pediu.



# Asas

J C Owens

As imensas asas negras batiam mais forte e para espanto completo de Tanyan eles começaram a subir no ar. Ele dobrou suas próprias asas de volta contra o seu corpo, de modo a não atrapalhar as batidas das asas de Anyar e colocou a cabeça nas costas do garoto.

Ele podia sentir os esforços do garoto, os músculos sob o seu peito flexionado poderosamente e ficou maravilhado.

Vanyae olhou com espanto, muito surpreendido no momento para até mesmo xingar o fato de sua presa ter mais uma vez saído do alcance de seus dardos.

"Seu animal de estimação é cheio de surpresas," comentou Serin severamente. "Será que seu próximo truque será o de desaparecer? Temos que trazer Tanyan de volta. Tudo depende disso."

Vanyae fez uma careta. Houve um ligeiro toque de acusação no tom de seu segundo comandante? Se Vanyae não tivesse sugerido levar o menino, então Tanyan não teria sido capaz de escapar.

Ele poupou um olhar para seu companheiro, em seguida, fez sinal a um dos homens carregando uma arma de dardos. "Dê-me um desses." Foi lhe entregue enquanto Vanyae mandou que seu cavalo parasse. Jogou-o sobre seu ombro e ficou em pé sobre a sela, saltando para o ar. Ele ouviu Serin seguir o exemplo e talvez alguns outros, mas ele estava muito concentrado para olhar para trás.

Ele era bem conhecido como o mais rápido voando em Nazar e o rapaz logo descobriria isso.



Anyar foi totalmente focado em sua tarefa, mas seu ouvido estava sintonizado ao som de batidas de asas. Agora que eles estavam demasiado elevados para os dardos, os Nazarians teriam que levar a busca para o céu e seus números superiores seriam a queda de Anyar. Atrapalhado como ele estava com o peso Tanyan, ele não seria capaz de lutar.

Como se seus pensamentos ecoavam na mente de seu comandante, a voz Tanyan soou em seu ouvido, com dor severa.

"Você tem que me soltar, Anyar. Você não pode combatê-los desta maneira."

Percebendo a realidade da situação, o jovem guarda jurou baixinho. Ele olhou para as planícies abaixo, tentando desesperadamente encontrar algo, algum lugar que ele pudesse defender.

Lá embaixo, um rio volta a ligar-se formaram uma pequena ilha no meio. Ele fechou as asas e mergulhou, os lábios apertados com determinação.

"Espere, Comandante," ele gritou por cima do vento, em seguida, retirou-os do duro mergulho, conseguindo por um milagre não tropeçar.

Tanyan tinha se preparado e cronometrado sua chegada para que ele próprio tomasse o peso de Anyar no momento crucial. Ele caiu de joelhos, ofegante de dor.

Ele olhou para cima quando Anyar tocou seu ombro, hesitante. "Eu farei o meu melhor, Comandante. Eu prometo."

Tanyan pegou a mão dele. "Você não tem armas, Anyar. Isso é inútil. Talvez devêssemos apenas render-nos e tentar novamente quando eu estiver curado."



"Eles amputam as asas, Comandante. Eu não vou deixá-los fazer isso conosco." A voz de Anyar era dura com determinação. "Gostaria de morrer primeiro."

"Isso pode ser uma opção viável, meu jovem amigo." Tanyan soava cansada além da medida. "Em vez de enfrentar o que eles planejaram, eu admito que a morte soe doce. Eu não serei uma arma contra Melan." Ele olhou para cima e puxou o rosto de Anyar para baixo, dando um beijo suave em seus lábios macios, dirigindo-lhe um sorriso ao ver o olhar espantado do jovem guarda e o jeito que ele tocou seus lábios enquanto se endireitou.

Anyar sorriu. "Eu morreria feliz com isso em minha mente."

"Vamos esperar por coisas melhores, meu jovem. Eu prefiro viver e conhecer o seu toque a morrer e conhecer apenas este último beijo. Esperemos."

Suas palavras deram força para Anyar. Ele balançou a cabeça, em seguida, com um último olhar de saudade e saltou para voar uma vez mais.

Tanyan conseguiu torná-lo a seus pés e buscou abrigo contra o aterro, a posição mais defensável disponível.

Anyar subiu no ar, ofegante quando viu a velocidade pura dos Nazarians caindo em cima dele. O desespero envolveu-o em seguida. Havia quatro deles e com suas asas menores, eles seriam capazes de manobrar muito mais rápido do que ele.

O primeiro chegou, diretamente para ele e ele suspirou e rolou forte, sentindo o outro passar perto o suficiente para raspar sua pele. Em seguida, outro resvalou em sua asa, de modo que ele gritou com a dor súbita. Eles continuaram vindo e ele virou no ar e



foi atrás deles, desesperado para proteger Tanyan, apenas para ser atingido no meio das costas de modo duro, chegando a pensar que sua coluna se partiu. Dobrou contra a dor e caiu, sentindo alguém fechar atrás dele. Acentuadamente, em seguida, ele tirou suas asas abertas e desviou para a direita, rolando quando ele sentiu as mãos sobre ele.

Furioso, ele esbofeteado uma ponta da asa sobre a cabeça do homem e o Nazarian recuou, só para ter outro tomando o seu lugar.

Este foi reconhecido por Anyar, era o enviado do pátio.

Este tinha os olhos selvagens e loucos com a emoção da perseguição e quando sorriu para Anyar este sentiu a queda de estômago com medo. Este foi um verdadeiro caçador. E Anyar era a presa.

Anyar saltou para cima, batendo fortemente. Nisso, ele sabia que ele seria superior, o seu poder devido às suas enormes asas. Se ele pudesse ficar mais alto...

Sua graça habitual havia desaparecido, cansado do esforço de carregar Tanyan, ele foi mais lento e sentiu o outro o seguindo de perto. Desesperado, ele girou e rolou, tentando abalar o seu perseguidor. Várias vezes uma mão tocou-lhe a bota e ele ia chutar em reação e tentar rebaixar ou tentar mergulhar e rolar. Começou a entrar em pânico ao perceber que o seu perseguidor estava agora tão rápido como ele era e era, provavelmente, muito mais experiente na batalha de vôo. Anyar tentou se acalmar, mas o medo estava montando-o com força, roubando sua força.

Algo brilhou a sua frente e ele se encolheu para longe, parando no ar e imediatamente foi agarrado por trás, as asas brancas pendurados com suas pretas. Braços fortes em volta do seu peito e ele freneticamente tentou puxar-se livre.



# Asas

J C Owens

Um riso baixo soou em seu ouvido e pernas estavam em volta dele, puxando seu corpo em um abraço íntimo. Ele sentiu a ereção do outro pressionando contra suas nádegas.

"Você sabia que esta era a forma como nossos antepassados, mútuos acasalavam?" A questão era ofegante e cheia de expectativas. "Gostaria de recriar um pouco dessa história?" Os quadris flexionaram sugestivamente.

Anyar parou de tentar voar, dobrando suas de volta a metade sufocando seu agressor.

Imediatamente eles caíram como duas pedras e o Nazarian apenas riu, recusando-se a libertá-lo.

Anyar viu o chão vindo para ele e perguntou se a morte seria rápida. Certamente, não poderia ser pior do que seus inimigos haviam planejado.

No último momento, seu algoz apertou ainda mais em cima dele e abriu suas asas totalmente, diminuindo drasticamente a sua descendência e só então, perto do chão, ele libertou Anyar.

Ele bateu duro, gritando de dor, mas o duro golpe não foi suficiente para matá-lo, só enviou-o caindo sobre a extremidade. Quando finalmente parou contra um posto de arbustos, sua mente confusa, o corpo mole e atordoado, ele não tinha nem ideia de onde ficava para cima ou para baixo.

Uma sombra caiu sobre ele, mas antes que pudesse reagir, mãos estavam sobre ele, restringindo-o.



Ele conseguiu os olhos para concentrar-se, então alargou quando viu o enviado se aproximando, dando na mão.

"NÃO!" ele gritou, desesperado, e começou a lutar inutilmente contra as garras de dois outros Nazarians.

Ele se debatia e torcida, ainda tentou morder as mãos que o prendiam, pânico irracional fazendo um fino choramingar escapar de sua garganta. Eles iriam tomar suas asas, mutilá-lo.

Mãos duras tomaram a sua cabeça e segurou-o junto a um corpo sólido, aprisionando-o, cegando-o para o que viria, como se vendando um cavalo aterrorizado. Ainda tentou abrir suas asas, mas preso a terra como estava, só conseguiu-a batê-las inutilmente, impotentemente, na poeira.

A mão calejada acariciou sua bochecha e ele estremeceu violentamente, lutando duro e, finalmente, entrou em colapso com a exaustão, tremendo.

"Sssh, só um pouco. Isso só vai machucar por um momento e é melhor você não danificar-se em rebelião, como você tem demonstrado até agora. Este é, de longe, mais suave."

Anyar rosou para a voz odiada e o riso baixo soou em seu ouvido quando uma picada o fez recuar novamente. Retido com força, ele não podia fazer nada, só suportar a dor aguda produzida pelo fluido que entrou em seu corpo. Por fim, o objeto cortante foi retirado e a área esfregou rígida e então seus sentidos começaram a nadar.



Suas mãos foram liberadas, mas ele não podia fazer nada, só estava ali, piscando vagamente. O enviado se inclinou sobre ele, sorrindo possessivo e assustador.

"Meu..." O sussurro seguiu Anyar na escuridão.

Vanyae sentiu o sangue retumbar em suas veias com a bem-sucedida retomada do jovem Melanian. Era tudo o que podia fazer para não simplesmente virar o corpo inerte sobre si, rasgar suas roupas fora, e levar o menino lá mesmo. Cada instinto primitivo que possuía queria reclamá-lo, aqui e agora.

Tentando distrair-se, sabendo que ele se agachou sobre o corpo imóvel como um predador, Vanyae lentamente se pôs de pé, lutando contra seu próprio corpo. Já os seus homens tinham recolhido a forma mole de Tanyan, há muito tempo sedado e recapturado.

Ele respirou fundo, olhando para Anyar, uma vez mais perturbado pela força da sua atração por esse menino. "Espero que em breve você aprenda, pequeno Melanian, a não lutar," ele sussurrou suavemente.

## CAPÍTULO TRÊS

Anyar acordou abruptamente, congelando o fôlego em seus pulmões, os olhos arregalados e assustados.



Seu corpo doía sem piedade e as memórias de seu desembarque doloroso vieram em detalhes gritantes, mas logo ficou evidente que a dor do passado estava sendo coberta pela dor do presente.

Ele ajoelhou-se, as mãos acorrentadas fixadas na parede atrás dele, para cima e sobre a sua cabeça, o que arqueou seu corpo em uma curva que fazia a respiração difícil. Suas asas pareciam estar vinculadas contra a parede também de alguma forma, mas ele estava apenas feliz que elas ainda estavam lá e que seus captores não tinham tido a oportunidade de removê-las.

Ele virou a cabeça lenta e dolorosamente, imediatamente preocupado com o paradeiro de Tanyan e encontrou os olhos do comandante do outro lado da pequena sala.

O comandante Melanian deu um sorriso pequeno, encorajador, embora seus olhos fossem tristes com seus pensamentos interiores. Ele não estava preso como Anyar estava. Suas mãos estavam acorrentadas diante dele e com as correntes fixas na parede que ele não pudesse alcançar seu companheiro de prisão.

Os olhos de Anyar dispararam pelo o quarto, seu pânico interior gradualmente afundando quando ele percebeu que eles estavam sozinhos. "Estamos em Nazar." Seu tom de voz baixo demonstrava que essa não era uma pergunta e sim uma afirmação.

Tanyan acenou com a cabeça, cansado, mas antes que pudesse falar, passos soaram na porta pesada e ambos ficaram tensos quando ela se abriu. Guardas entraram primeiro e depois o enviado que os havia capturado e, em seguida, um homem mais velho que usava a autoridade tão naturalmente como um manto sobre ele.



Houve um silêncio enquanto o homem mais velho correu os olhos sobre os Melanians, seu olhar avaliador, frio e calculista.

O olhar fixado em Tanyan.

"Saudações, Comandante Tanyan. Lamento a forma de sua visita aqui, mas eu duvido que você tivesse consentido o contrário. Vamos ficar a conhecer um ao outro muito bem durante o seu exílio. Eu sou Veslan."

Anyar recuperou o fôlego e levou nos olhos apertados de Tanyan.

Sem título, sem introdução além do nome, mas este era o rei de Nazar.

Tanyan encarava o rei olhar para olhar. "O que você espera alcançar com esta atrocidade?" O tom era calmo o suficiente, mas misturada com ferro.

Veslan levantou uma sobrancelha. "Você é o herdeiro de Melan. Vocês achavam que nós não iríamos descobrir? O rei nunca anunciou, mas ele não iria mais dar o seu reino nas mãos de seu filho idiota do que dá-la a mim."

Anyar, pego de surpresa por esta notícia, atirou uma olhada a Tanyan. Certamente tal coisa nunca tinha filtrado até os confins de Cewa, mas então muitas coisas não o fizeram. Mas, certamente, fofocas teriam insinuado...

Tanyan não respondeu, mas seus lábios apertados não confirmaram nem negaram o pedido de seu inimigo.



Veslan cruzou os braços sobre o peito. "Segurar você nos dá poder sobre seu país. Eles não vão se mover contra nós, sabendo que eles vão perder a última chance de um bom rei que tem disponível."

"Você não pode conquistar o nosso país por essas táticas. Nós nunca nos renderemos a você por causa de um homem." O tom de Tanyan era gelo puro.

Veslan sorriu então, uma visão assustadora, com os dentes afiados brilhando. "Quem falou em conquistar?"

Houve um silêncio, então, Tanyan perguntou carrancudo em confusão. "Por que, então?"

"Cansamos da depredação do seu país nas nossas fronteiras e guerra constante. Não temos nenhum interesse nisso, tudo o que desejamos é que vocês nos deixem em paz."

A descrença que atravessou ambos os rostos Melanian era bastante clara.

Veslan encolheu os ombros, sem se preocupar com suas atitudes. "Você vai ver, seu povo vai ver. Eu não me importo de como isto está feito, só que ele está. Você vai ficar aqui conosco por tanto tempo quanto seja necessário. Enquanto eles ficam do seu lado da fronteira, você estará seguro. Se eles se recusarem a ver sentido, então *haverá* uma guerra em grande escala. É inteiramente sua escolha."

Ele se afastou de Tanyan então, seus olhos caindo sobre Anyar com uma atitude extremamente diferente. O jovem guarda sentiu-se tentando reduzir enquanto se



# Asas

J C Owens

recostava contra a parede, conforme o rei pairava sobre ele, longos dedos saindo para tocar as asas negras com fascínio.

"Você estava certo, meu filho. Ele é excelente." Os calejados dedos de um guerreiro seguraram o queixo de Anyar, forçando o rosto de modo que o rei pudesse ver profundamente nos olhos de ouro. "Você é um homem de sorte, Vanyae, e se você se cansar dele, terei prazer em levá-lo de você. Ele vai valer uma pequena fortuna se você se decidir por vendê-lo. É uma pena, porém, tirar suas asas."

O enviado, obviamente, o príncipe Vanyae, franziu a testa e adiantou-se, discretamente colocando-se entre seu pai e Anyar. Deitando delicadamente sua mão sobre a cabeça do jovem Melanian e ignorando o brilho de ódio nos olhos de Anyar e sua tentativa de torcer-se longe do contato dos dois homens, ele respondeu: "Eu acho que não vou me cansar desse presente tão cedo."

Tanyan levantou-se com um *barulho* de corrente, os punhos cerrados. "Ele é meu protetor. A minha responsabilidade. Ele não deve ser prejudicado."

Veslan lançou o queixo de Anyar e virou-se para enfrentar o comandante furioso. "Ele é o que nós dizemos que ele é. Não tente testar a nossa paciência com demandas." Ele apontou para um dos guardas perto da porta, e momentos depois uma figura fina tropeçou na porta rapidamente se ajoelhando aos pés de Veslan. O rei acariciou a cabeça escura com uma certa dose de carinho.

"Vire-se, meu animal de estimação, e mostra-lhes o que era."



O homem o fez com o entusiasmo de um escravo treinado e Tanyan deu um passo para trás, cobrindo a boca com as costas de uma mão encadeada, quando viu de volta o homem.

Anyar soltou o mais ínfimo dos sons, se de pena do desgraçado ante eles ou medo por si mesmo era difícil de dizer.

Duas cicatrizes longas correram pelos ombros do homem, o tecido amarrado enfatizando a atrocidade feita para ele.

Anyar lutou contra a doença, apertando sua mandíbula fechada contra a vontade de vomitar só de pensar o que aquele pobre homem tinha atravessado.

Eles tomaram suas asas!

Veslan mandou o homem se levantar e virou-o para enfrentar os Melanians. Correndo uma mão para baixo de seu corpo nu, ele levantou o seu eixo para que eles pudessem ver que seus testículos também foram removidos.

Anyar olhou com horror, em seguida, olhou para o rosto do homem. Os olhos estavam vazios de pensamento, maçantes e dóceis.

Anyar estremeceu, depois virou os olhos suplicantes para o príncipe. Vanyae evitava a visão, como se ele também não gostasse da visão do homem mutilado. Quando o fez voltar atrás, ele falou baixinho para Anyar apenas e inclinou o rosto de seu cativo até encontrar os olhos verdes. "Não lute, pequeno. Vou tentar mantê-lo inteiro. Se você obedecer, você pode acalmá-lo. Se você se rebelar como esse homem fez, você vai conhecer o mesmo destino. Lembre-se disso."



Tanyan olhou para os Nazarians. "Você bastardos bárbaros. Anyar não é um escravo. Vou manter a minha paz se você deixá-lo comigo."

"Não está em posição de fazer acordos, Comandante. Você vai se comportar ou Anyar vai sofrer ainda mais. Isso é tudo que você precisa entender." Veslan sacudiu a cabeça e quatro guardas vieram para libertar Tanyan das correntes. Eles tomaram seus braços e começaram a forçá-lo para fora da sala.

Anyar sentiu o pânico tomar conta, enquanto observava sua última ligação com sua casa lhe ser tirada. Tanyan lutou, lançando um olhar agoniado por cima do ombro para Anyar, e então ele foi embora, e apenas o som de suas maldições podia ser ouvido, em seguida mesmo isso desapareceu.

Anyar tentou impedir seu medo de se mostrar conforme ele assistiu a um dos guardas pegar um pacote envolto em tecido de uma das prateleiras, definindo-o para baixo, e descobri-lo com cuidado. E ainda quando outro Nazarian entrou, com grandes ferramentas em suas mãos.

Vanyae colocou uma mão de restrição antes de seu pai pudesse falar. "Eu não vou tê-lo mutilado, pai. Suas asas são metade a sua beleza. Tosá-las, sim, amputá-las, não."

Veslan levantou uma sobrancelha, mas finalmente concordou com a cabeça e um dos homens desembrolhou um par de tesouras grandes.

O jovem guarda não conseguia tirar os olhos das tesouras, engolindo em seco ao chegarem perto. Vanyae tomou a sua cabeça e segurou-a contra ele de modo que Anyar não pudesse ver, então, dois outros guardas se levantaram contra sua asa direita, segurando-o firmemente contra a parede.



Ele começou a tremer, apesar de seus melhores esforços de controle. Então ele puxou em reflexo quando sentiu um puxão leve no final da sua asa e do recorte da tesoura.

Foi só então ele percebeu que eles estavam fazendo. Eles estavam cortando suas penas de voo para que ele não pudesse escapar.

Ele gritou, em seguida, lutou como uma coisa louca, mas era inútil. Quebrou totalmente com a ideia de não ser capaz de voar, ele envergonhou-se, suplicando-lhes.

"Por favor, não, por favor..." Suas suplicas não pareceram influencia-los e ele se encolheu cada vez que ouviu as tesouras, lágrimas de horror e choque escorrendo pelo seu rosto.

Vanyae acariciou seus cabelos, murmurando sons suaves. "Este é o melhor pequeno. Você terá mais liberdade dessa forma. Elas vão crescer em um ano ou assim."

No momento em que chegou à asa esquerda, Anyar não poderia mais lutar, só poderia tremer, tentando compreender o que isso significaria. Estaria ligado a terra, preso por completo, sua única alegria despojada dele.

Quando eles terminaram, ele afundou contra suas restrições, a cabeça pendurada, acolhendo a dor de seu corpo que o distraiu da agonia de seus pensamentos.

Quando botas finamente usinadas vieram na frente de sua visão, ele não olhou para cima, só verdadeiramente se tornando consciente de Vanyae quando o príncipe começou a falar baixinho, como se a cantar algumas palavras cerimoniais. Mãos suaves libertaram seus tornozelos de suas correntes, apenas para colocar outra coisa no lugar. Algo foi



anexado em suas asas, ele ouviu o *clique* delas ao travar, em seguida, suas mãos foram finalmente liberados e algemas colocadas sobre os punhos, leve, mas forte.

Vanyae o puxou para seus pés em seguida, e ele ficou balançando, não resistindo mesmo quando o príncipe abriu um colar de prata ornado e colocou-o em seu pescoço. Olhos dourados encaravam os verdes quando ela foi fechada.

"Meu." O príncipe acariciou a bochecha do garoto quando disse baixinho, mas Anyar estava muito insensível para até mesmo entender as palavras.



Anyar tropeçou e só o segurar súbito em seu braço impediu-o de cair de joelhos, pois com as mãos acorrentadas atrás das costas seria incapaz de salvar-se.

A voz forte e calma lhe deu instruções sobre o que ele não podia ver por trás da venda e a única razão que ele tinha tropeçado era porque ele tinha tentado lutar e a mão o tinha liberado para o espaço aterrador.

Foi quase um alívio que a mão tivesse retornado. Ele lutou contra o sentimento, mas Vanyae era sua única âncora na escuridão e apesar de todas as suas tentativas de resistir, ele não poderia deixar de ouvir aquela voz, começar a obedecer seus comandos.

Não havia nenhum senso de direção. Eles haviam deixado a pequena sala algum tempo antes e cada momento parecia uma hora. Ele temeu sobremaneira seu destino, depois do que havia sido discutido entre o príncipe e o rei. Nunca Anyar, nem em seus piores pesadelos tinha se imaginado nesta posição. Certamente eles estavam apenas



# Asas

J C Owens

tentando amedrontá-lo, torná-lo um refém dócil. No entanto, ele não tinha nenhuma importância, o que não fazia sentido. Ele tinha pensado que foi por acaso que ele tinha sido levado, mas agora ele não tinha tanta certeza. E se este príncipe procurou deliberadamente por ele? O pensamento estava além da compreensão ou crença. Nunca pensou-se particularmente bonito. Na verdade, ele sempre se achou estranho, feio. Todas as pessoas sempre viram suas asas e ele sempre tinha sido insultado, mesmo atormentado, por causa delas. Como se esse pensamento especial detivesse o poder, ele ouviu vozes nas proximidades e se encolheu longe, caminhando de volta até que a corrente em sua garganta o restringiu. Então ele só poderia ficar de pé, trêmulo, tenso, e pronto para lutar.

"Paz, um pouco de paz. Ninguém vai feri-lo aqui. Você é meu, o que lhe dá grande proteção."

Anyar queria rosnar em resposta que não lhe havia nenhuma proteção contra Vanyae, mas ele segurou a língua. Era melhor permanecer em silêncio, deixando que os outros adivinhassem seus pensamentos e medos, em vez de falar e confirmá-los. Ele havia aprendido bem a lição com o seu próprio povo e agora isso o colocaria em um bom lugar frente o inimigo. Fique em silêncio, veja e escute. Espere. A fuga viria.

Uma mão puxou sua corrente. Ele atirou a cabeça para cima, considerado a rebelião para, em seguida, seguir o comando não dito. Deu dois passos incertos para a frente e novamente Vanyae o pegou pelo braço, guiando-o.





Caminharam pelo que parecia para sempre e Anyar estava exausto com a tensão e medo no momento em que parou. Eles pareciam estar em uma sala de banho de algum tipo. Ele podia sentir o cheiro doce da umidade no ar e seu medo aumentou.

Até agora ele tinha, pelo menos, mantido suas calças e camisa, mesmo que suas botas e jaqueta do uniforme já tivessem ido ao tempo de seu despertar. Se ele fosse forçado a tomar banho, eles iriam tirar despi-lo.

Nunca tendo sido particularmente consciente da nudez, agora ele queria, com todo o seu coração, ter a cobertura frágil de pano entre ele e Vanyae.

A mão forte o guiou para a frente, em seguida, virou-se para enfrentar Vanyae.

"Sente-se aqui, Anyar." A voz era suave o suficiente, mas por trás dela estava o ferro.

O Melanian sentou-se tanto por causa do cansaço quanto obediência, pelo menos é isso que ele disse a si mesmo com cansada determinação. Ele podia ouvir Vanyae se mover pela sala e com a cabeça inclinada ele perseguiu seu captor apenas pelo som. Quando os passos se aproximaram dele, ele congelou uma vez mais, os dedos cerrando atrás dele.

Ele estremeceu quando uma mão traçou sua bochecha. "Agora, Anyar, isso vai ser com você. Eu preciso limpar-te e podemos fazer isso só nós dois ou se você recusar os meus mandamentos eu posso chamar os outros e forçar a questão. É inteiramente com você."

A mandíbula do Anyar estava tensa com tudo o que ele queria gritar para este homem. Ele não respondeu.



Vanyae suspirou. "Deite-se um pouco." Mãos apoderaram-se dele, puxando-o de lado em uma superfície dura e colocou-o deitado de costas. Ele não resistiu até que sentiu uma pulseira no tornozelo preso a uma corrente, em seguida, ele ficou tenso e tentou sentar-se.

Vanyae segurou-o para baixo enquanto ia para o outro lado da estrutura e garantiu o outro tornozelo. "Está tudo certo Anyar. Nada vai feri-lo aqui a menos que você o cause. Você vai aprender que este é o caminho de tudo em sua nova vida."

O jovem guarda rosnou, ele não poderia se ajudar. Esta não seria a sua "nova vida," como o príncipe colocou. Este foi apenas um pequeno espaço de miséria, até que pudesse escapar para seu próprio povo. Isso era tudo.

Vanyae riu, o que fez com que a raiva de Anyar crescesse. "Você tem espírito debaixo do silêncio, que é bom. Eu não quero um parceiro na cama dócil. Eu prefiro-os com fogo. Dessa forma, quando você finalmente se submeter, terá um doce sabor."

"Eu nunca vou me submeter a você. Eu não sou tão fraco." A voz de Anyar era baixa e sincera. Sua raiva aumentou e ele foi incapaz de segurar sua língua sob tal provocação.

"Você é tão inocente pequeno. Você vai ver. Será uma alegria para mim ensinar-lhe, como a criação de uma jóia vinda da pedra bruta. Você vai ser uma maravilha quando eu terminar. "

A corrente entre os pulsos de Anyar foi solta, mas antes que pudesse reagir, Vanyae inclinou-se sobre ele, rapidamente puxou sua mão semi dormente para cima e para o lado e prendeu-o novamente. Ele teve mais problemas com o outro e o jovem Melanian



tentou desesperadamente mantê-la livre, mesmo sabendo que era inútil. Eventualmente, ele também foi preso e acorrentado. Ofegante, ele estava lá, quando se sentiu enrijecer ao ter os tornozelos puxados mais distantes quando Vanyae apertou algum mecanismo. Com os punhos cerrados, impotente, ele estava deitado de braços abertos.

"Fique parado agora, pequeno. Eu não gostaria de cortá-lo, mas temos de ter essas roupas fora, elas já não são de nenhum uso a você. Você vai usar roupas Nazarian quando você precisar." Não dita, mas suficientemente clara, foi a dica de que Anyar raramente se vestiria de qualquer maneira.

Ele fechou os olhos, certo de que este tinha de ser um pesadelo e ele acordaria no quartel dos guardas após uma noite de bebedeira para dizer aos outros do sonho terrível que o atormentava. Tinha que ser um sonho, tinha que ser.

A frieza de uma faca o fez saltar. Vanyae o acalmava, trabalhando rápida e cuidadosamente. A faca era muito, muito forte, pois cortava o tecido com facilidade, primeiro a camisa dele, depois as calças e seu único pensamento naquele momento era como ele teria que trabalhar mais horas para poder ter recursos novos.

Tentou não pensar no frescor do ar em sua pele, de como Vanyae podia ver agora tudo dele, que ele estava totalmente exposto e indefeso diante desse homem que o queria.

"Lindo." o príncipe respirava. "Pelos deuses, você é lindo."

O Rosto de Anyar estava inflamado com a cor. Ninguém nunca o tinha chamado bonito antes e ele teria preferido que o comentário viesse dos lábios de Tanyan e não a partir deste inimigo que o via como pouco mais do que um animal a ser utilizado.



Uma mão tocou-lhe o peito e ele saltou, tenso quando essa mão se arrastou sobre sua pele.

"Essa pele dourada, tão suave..." A voz de Vanyae foi preenchida com a emoção de possuir o que estava a sua frente.

Anyar estremeceu com desgosto pelo toque movido sobre ele, que ansiosamente explorava seu corpo. Vanyae não tocou seus genitais ou a sua face, pelo que Anyar era grato, embora parecesse estranho.

Por fim o toque o deixou e ele respirou mais fácil, as orelhas se esforçando para detectar o que faria agora o Nazarian. Ele endureceu em surpresa quando a venda foi cuidadosamente removida. Anyar teve que fechar os olhos por um momento para que eles se reajustassem a luz, então ele piscou para os olhos verdes observando-o atentamente.

Vanyae suavemente acariciou sua bochecha e Anyar lutou para não fugir do contato, lutou para manter sua calma expressão, embora o medo arranhasse através de seu corpo.

"Eu vou limpar você agora, Anyar, e parte do que é a limpeza é livrar você de pelos no corpo, para o que eu vou usar um instrumento de corte, assim eu quero que você permaneça muito, muito quieto, certo? Eu não quero estragar seu corpo com cortes."

Um pano quente e úmido desceu sobre seus órgãos genitais e Anyar saltou em estado de choque, os olhos arregalados no momento em que ele foi removido e Vanyae derramou algum tipo de sabão sobre a área e começou a trabalhar para ensaboar os pelos



públicos dele. Seu rosto corado quando viu a expressão no rosto do príncipe enquanto ele trabalhava o sabão em todas as partes. Anyar vacilou na intimidade forçada, sua timidez inata horrorizada com essa violação.

Vanyae virou-se para lavar as mãos e, em seguida, pegou um instrumento de corte pequeno. "Fique parado, pequeno."

Anyar sentiu o raspar contra a sua pele enquanto ele estava congelado no lugar, aterrorizada com a lâmina em proximidade a suas partes sensíveis.

Ele mal podia respirar, o corpo tenso com a expectativa de dor, mas Vanyae foi rápido e eficiente em suas ações e foi pouco tempo até que ele foi limpo, a sensação estranha de ar sobre a pele recentemente descoberta.

Vanyae correu o dedo indicador para baixo ao lado de seu eixo e testículos e Anyar estremeceu com a sensibilidade da pele.

O príncipe riu suavemente, em seguida, passou a depilar as axilas também.

Anyar se manteve firme, enquanto os sinais de sua masculinidade foram retirados dele. Ele tinha estado tão orgulhoso quando os primeiros cabelos se haviam cultivado nessas regiões, pois eram sinais de que ele agora era um adulto e não mais uma criança. Agora, até isso tinha sido tirado dele, como sua habilidade de voar. O que mais eles poderiam tomar, antes que fosse muito para sua mente? Lembrou-se do escravo que lhes tinha sido mostrado e ele estremeceu. Será que ele acabaria assim, quebrado e sem sentido?



Quando Vanyae terminou, ele alisou uma mistura densa e cremosa sobre os locais e explicou que era algo que destruía o cabelo e asseguraria que Anyar estaria sem pelos por pelo menos uma semana. Agora, se eles continuassem usando o creme por algum tempo, ele não teria que ser raspado novamente.

Anyar desviou o olhar, perguntando amargamente se ele deveria ser grato.

Ele ficou em silêncio, então e ele percebeu que Vanyae deveria ter deixado o quarto. Ele estava lá, deitado e exausto, e agora que ele não tinha audiência sua mente voou de pensamento a pensamento do que ele já havia sofrido e o que mais estava por vir. Forte, seja forte, ele continuou dizendo a si mesmo. Não envergonhar a si mesmo ante estes, os seus inimigos. Pensou em suas mutiladas asas e lutou contra as lágrimas. Ele não deveria mostrar fraqueza, ele não deveria. Seus pensamentos se esquivaram, totalmente incapazes de abranger o que tinha sido feito e o que significava agora o seu futuro.

O creme começou a conforme ele destruía o cabelo abaixo da pele e Anyar moveu-se desconfortavelmente, incapaz de ficar parado, incapaz de se coçar. Foi quase um alívio quando Vanyae retornou.

"Você quer que o tire agora, Anyar?" Os olhos verdes encontraram os de ouro.

Ele não respondeu, mas virou o rosto.

Nenhum som veio do príncipe, nenhuma raiva no comportamento Anyar e, finalmente, o jovem guarda olhou para trás para descobrir que tinha Vanyae novamente à esquerda. Ele piscou os olhos, percebendo que Vanyae tinha tomado suas ações como um *não* e que agora ele foi forçado a suportar o creme por mais tempo.



Ele amaldiçoou em voz baixa.

A coceira foi piorando e então começou a quase queimar. Ele se contorcia, tentando desesperadamente roçar alguma coisa, para torcer contra onde ele se deitou apenas o suficiente para passar para o creme. Ele chegou perto de arrancar os braços fora de seus ombros enquanto ele lutava para rolar tanto quanto podia.

Ele estava ofegante e de olhos arregalados quando Vanyae finalmente retornou, encostado na porta com os braços cruzados sobre o peito.

"Vou perguntar de novo, pequeno. Você quer que tire agora?" Os olhos verdes eram impassíveis e fixos e Anyar sabia que o príncipe iria sair de novo.

Percebendo que não serviram para nada neste momento, Anyar lutou contra o seu orgulho. "Sim," ele suspirou, fechando os olhos com desprezo à sua própria fraqueza.

O toque dos dedos Vanyae quando ele limpou o creme fez com que o jovem guarda soltasse um suspiro aliviado. A água fria então limpou o local, dissipando lentamente a queimadura terrível.

"Você vê, meu jovem, você me diga o que você precisa, seja honesto em seus desejos e você irá recebê-los. Ser teimoso e arrogante é a garantia de sofrimento desnecessário. Eu não estou interessado em te machucando, mas eu exijo obediência. Portanto, se você se rebelar, você vai doer e vai ser a sua própria obra."

Anyar olhou para ele, a raiva crescendo em seu coração, uma raiva como nunca havia sentido antes. "Eu não pedi para isso, *não* é obra minha. Eu não pedi para ser



retirado de minha casa e forçado a estar aqui. Eu não pedi para ser seu escravo - deuses malditos! Isso está errado. Deixe-me ir, deixe-me ir."

Ele começou a lutar estupidamente, sua respiração vindo em grandes suspiros de pânico, seus olhos arregalados quando correu sobre ele que isso era real, o seu cativo era real.

Vanyae tentou acalmá-lo, mas o rapaz estava além de ouvir no seu medo e autodestruição. O sangue escorria de seu pulso em punhos conforme ele torceu e o príncipe foi até a porta e bruscamente chamou um dos guardas.

Os dois seguraram-no para baixo, mas ainda assim ele lutou como um possesso, não havendo sentido em seus olhos.

Alguns momentos depois, o curandeiro chegou e com a ajuda de mais guardas, que lhe seguraram a cabeça, forçou sua mandíbula rígida a abrir e derramou a mistura preparada em sua garganta. Ele engasgou e sufocou, mas acabou engolido o suficiente para satisfazer o curador e eles soltaram-no.

Vanyae assistiu com alguma preocupação, como o menino continuou a se debater, mas dentro de momentos os movimentos se retardaram e então, gradualmente, cessaram por completo enquanto ele piscava aturdido sob a influência das drogas potentes.

Eles aproveitaram a oportunidade para remover suas correntes e envolvendo seus pulsos e tornozelos danificados antes de colocar as algemas novamente. Vanyae desencadeou-o, levantou-o em seus braços e aproveitou o calor do corpo dourado contra o seu próprio, enquanto carregava Anyar para o lado da enorme piscina de banho. Ele deitou-o sobre um dos bancos ornamentados e em seguida, estava ao lado dele. Tirou



suas próprias roupas rapidamente, a respiração vindo forte e rápida enquanto seus olhos percorriam todo o corpo a sua frente.

Levantando o seu prêmio, mais uma vez, entrou nas águas quentes, sentou em um dos degraus e embalou o Melanian em seus braços enquanto ele aproveitava a oportunidade para traçar as características de Anyar e se maravilhar com a beleza das maçãs do rosto salientes e do rosto fino e estreito, tão diferentes de seus traços mais amplos, característicos dos Nazarians. E essa pele. Era macia com a juventude e a cor era natural, não gerada pelo sol, pois mesmo em seus lugares mais privados a pele era uniformemente dourada.

Vanyae aproveitou seu tempo lavando o menino, demorando mais em cada pedaço de pele, cada dobra, cada vinco. Ele tocou na doce entrada para o paraíso que o corpo bonito guardava e teve que se conter para simplesmente não levantar o menino até sentá-lo em seu colo e levá-lo ali, flexível e dócil. Não, ele queria ver o rosto de Anyar quando ele o levasse, queria que ele soubesse, queria que ele entendesse que a sua escravidão não seria uma coisa tão desagradável com Vanyae como seu mestre. Isso seria promover a domesticação que já começou neste dia. Ainda assim, ele não pôde conter-se totalmente e ele deixou seu eixo pulsante entre as pernas do rapaz e começou a empurrar para dentro do canal criado. Esfregando contra os testículos de Anyar enquanto ele bombeava, Vanyae jogou a cabeça para trás de prazer no toque mesmo isso. Ele levantou-se parcialmente da água quando veio, para que assim sua semente respingasse sobre o peito de Anyar. Ofegante e ainda trêmulo, ele pegou um pouco de sua semente em seus dedos e a pressionou dentro dos lábios dóceis do jovem guarda, esfregando a essência sobre a língua grossa de Anyar até que o menino engoliu involuntariamente.



Vanyae estremeceu quando viu. Ele pegou a semente remanescente e pouco a pouco a espalhou sobre o rosto do Anyar, ombros e peito, marcando-o com seu perfume.

Ele segurou-o até que seu corpo se recuperou, então ele gentilmente lavou-o, com especial atenção para as grandes asas, cobertas de poeira como estavam. Ele sentiu uma pontada então, lembrando como Anyar parecia belo em voo. Ele desejava que tivesse sido de outra maneira.

Ele acariciou o cabelo curto e preto, já ansioso para quando ele iria crescer.

Os olhos dourados estavam vidrados, sem ver, mas Vanyae acariciou seu rosto, colocou um beijo suave sobre a boca sem resposta.

"Você vai ser feliz aqui, pequeno. Um dia você não vai querer lutar mais, e você vai realmente ser meu." Ele sorriu ao pensar, e então, cuidadosamente, levantou o corpo mole e se levantou das águas.

## CAPÍTULO QUATRO

Anyar estava ficando muito cansado de acordar em lugares que nunca tinha visto antes. Pensou com saudade de casa, lembrando um pouco amargamente que ele muitas vezes se perguntou o que seria viver em outro lugar, ver lugares que nunca tinha visto. Abrigado em sua ignorância, nunca tinha viajado mais longe do que a poucos quilômetros de sua cidade, ele tinha sonhado de saber muito mais e olha onde ele estava agora.



Torceu seus lábios. *Cuidado ao pensar nas coisas antes dos deuses, porque eles podem conceder o seu desejo de maneiras que você não poderia imaginar.* Horríveis maneiras.

Ele estava enrolado apertado em si mesmo no canto da sala onde se sentou, costas contra a parede, literal e figurativamente. Ele tinha acordado de forma gradual, meio grogue, tornando-se conscientes da suavidade incrível, na qual ele estava deitado. Quando ele finalmente teve a força para se sentar, ele olhou com a admiração se sobrepondo ao medo.

A cama na qual ele estava deitado era grande o suficiente para, pelo menos, seis pessoas e o quarto a fez parecer pequena. Decorações ornamentadas cobriam a cama, as paredes, os pisos, a mobília. Ele nunca tinha visto nada parecido. Ele tinha subido lentamente, trêmulo, com os pés afundando em um tapete em tal profundidade e suavidade que ele teve que se agachar para senti-lo com os dedos, maravilhado. Tudo era estranho, bonito e rico.

Estranho aos seus gostos e vida simples.

Ele deu um passo em seguida e sentiu uma mudança de constrição sobre seu tornozelo.

Uma corrente complexa de prata, torcida em ligações bonitas, foi anexado do seu punho ao tornozelo esquerdo. Bonito sim, mas forte. Sua fascinação com os arredores desbotou e depois de lutar inutilmente para remover a corrente, ele se retirou para um canto, tão longe da cama quanto ele conseguia e sentou-se no tapete, à espera do que quer que fosse. Ele tinha se enrolado em torno de sua nudez, envergonhado.



Havia comida e água sobre uma pequena mesa perto da cama, mas mesmo com fome e sede que ele estava, ele não fez nenhum movimento em direção a eles. Eles não eram dele.

Ele cochilou levemente, atento a cada pequeno som e seus olhos se abriram quando ele ouviu passos firmes de fora da porta grande, seu corpo todo enrijecendo quando o príncipe entrou.

Vanyae aparentava como se estivesse montando. Seu cabelo estava um pouco bagunçado pelo vento e ele foi tirando luvas de couro finas enquanto caminhava. Os olhos verdes afiados quando viram a grande cama vazia varreram a sala até que encontraram a localização de Anyar.

Vanyae franziu a testa, um rápido olhar de arrependimento lavando seu rosto quando ele suspirou, sem tirar os olhos do jovem guarda.

Ele sorriu e Anyar rangeu os dentes e desejou que ele pudesse atingir a expressão do rosto de seu captor. A maneira como aqueles olhos viajaram sobre ele o fez sentir-se adoecendo e ele teve que lutar para esconder o tremor em seus membros.

Vanyae sentiu-se endurecer apenas mirando aqueles irados olhos de ouro e a adrenalina de sua viagem correu mais rápida em suas veias. Antecipação o fez recuperar o fôlego. O tempo era agora. Se ele pudesse mostrar a essa bela criatura que prazer poderia ser tido em seu próprio corpo, se ele pudesse começar a despertar para a sexualidade, Vanyae poderia então ser o único a mostrar-lhe tudo.

Saboreando a antecipação como um bom vinho, o príncipe virou-se e sentou-se na pequena mesa, pegou um pedaço de fruta, mordeu-o e fez um som suave de prazer em



seu sabor. Ele assistiu Anyar com o canto do olho, como se faz um animal selvagem que se quer convencer.

"Você não comeu, pequeno. Isso é tolice. Você que tanto deseja escapar deste lugar. Crê enfraquecendo-se conseguir isso?"

Ele viu a surpresa do jovem guarda e teve de reprimir um sorriso. Será que o menino achava que ele escondia suas intenções tão bem? Seu rosto não era de disfarçar emoções, seus olhos o traíam a quem quisesse ver.

"Venha comer comigo. Não perca a sua força no orgulho tolo. Quanto mais fraco você se tornar, menos você será capaz de brigar comigo." O rosnado o fez querer sorrir, mas ele permaneceu impassível, neutro e não ameaçador. Quando não havia nenhum movimento de Anyar, ele zombou delicadamente.

"Um homem viria enfrentar o seu destino. Apenas um menino ficaria agachado em um canto, escondido."

O assobio da fúria foi a vitória e com o canto do olho, ele viu a ascensão do jovem guarda a seus pés, ultrajado e então o brilhante enrubescer ao lembrar sua nudez.

Vanyae teve que reprimir uma risada, mas seu rosto permaneceu calmo enquanto ele comia, nunca olhando diretamente para a sua vítima.

"Eu deixei algumas roupas para você no pé da cama. Você deve tê-lo perdido." Ele acenou com a mão de forma negligência nesse sentido.

Houve uma pausa, depois Anyar começou lentamente a circulá-lo indo nessa direção, encontrou as calças finas e vestiu-as rapidamente com uma expressão de alívio



que era cativante. Ele inclinou-se para fazer os laços que corriam até a perna e para acomodar o tornozelo algemado e em seguida e só então, que ele levantou-se, colocando os ombros para trás e se aproximou da mesa do lado de fora de Vanyae.

O príncipe olhou para ele, sorrindo interiormente enquanto considerava as calças. Ele duvidou que Anyar tivesse notado o quão magro ele era ou que cada vinco e fenda era uma sombra tentadora, deixando muito pouco para a imaginação. Ele não iria falar isso.

Vanyae olhou nos olhos ardentes do jovem guarda e deixou a curva de lábios sempre tão fraca. "Sente-se," ele disse baixinho, gesticulando com uma mão por muito tempo para a outra cadeira. "Tenho certeza que você tem dúvidas. Vou respondê-las enquanto você come."

Ele podia ver a perplexidade do jovem e a resistência a calma de seu captor e a falta de conflito direto. Isso não era o que ele estava esperando. Bom. Manter o Melanian desprevenido e imaginando o que Vanyae faria em seguida era crucial para a sua domesticação. A confusão o deixava vulnerável, fora de centro.

Anyar tinha suas mãos dobraram em punhos, em seguida, tentou relaxar, revelando claramente sua agitação interna. Vanyae continuou a comer com calma, nunca olhando para cima.

"O que você fez com o Comandante Tanyan?" A voz de Anyar era quase um rosnado, sua raiva e medo como uma combinação potente.

Vanyae o olhou lentamente. "São todos os Melanians descorteses como você? Vou responder às suas perguntas enquanto você come, não antes." Ele deu de ombros. "O



comandante tomou café da manhã com meu pai. Ele pode estar irritado, mas ele também é bem educado."

Anyar vibrou com fúria, mas as palavras o deixaram confuso também e, finalmente, ele recuou a outra cadeira e sentou-se bruscamente, mandíbula apertada em desafiadora prontidão.

O príncipe não fez nada além de comer, saboreando cada mordida, sorrindo para si mesmo quando o jovem guarda engoliu em seco, tentando controlar a sua fome. O mais jovem tinha que estar passando fome e sede neste momento quase ao desespero, mas ele ainda tentou resistir.

Vanyae pegou um prato pequeno, colocando o pão e queijo para ele com várias fatias de carne macia e, em seguida, empurrou-o para o Melanian, seguindo-o com uma caneca de água fresca. Vinho poderia vir mais tarde.

Anyar, com os dedos trêmulos sobre a borda da mesa, lentamente, muito lentamente, alcançou o pão e trouxe-o aos lábios, dando uma mordida e mastigando-o bem, tentando esconder seu desejo de devorá-lo.

Vanyae observou seus lábios, vendo-o mastigar e engolir e teve que se segurar de volta. Ainda não.

Não demorou muito para que Anyar falasse, como se ele não pudesse mais suportar o silêncio.

"Eu quero ver o Comandante Tanyan."

Vanyae olhou para ele com calma, tomando um pequeno gole de vinho.



NÃO.

Anyar congelou e o príncipe podia ver sua mandíbula contraindo, enquanto tentava reter as palavras mordazes que queria liberar em seu captor.

Vanyae encontrou seus olhos de frente. "Você ainda não ganhou tal privilégio."

Silêncio.

O tom do príncipe mudou, tornou-se dominante e o corpo do jovem guarda enrijeceu quando ele respondeu a esse tom, sem nem pensar. Ele havia sido ordenado no serviço militar, coisa que agora estava enraizada nele e algo que Vanyae tinha muitas intenções de aproveitar.

"Você tem que ganhar tudo o que lhe é dado aqui, Anyar. Você vai obedecer, você vai fazer o que eu digo e com o seu bom comportamento e obediência, você vai manter Comandante Tanyan seguro e completo. É por isso que vocês estão aqui. Esta garantia à sua incapacidade de escapar, mas o seu próprio comportamento ditará a forma como o Comandante será tratado. Isso é com você."

Ele fez uma pausa, em seguida, observando as reações de Anyar e suavizou sua voz. "Você deve manter-se nas regras de meu pai. Ele decretou há muito tempo que os prisioneiros Melanian deveriam ter suas asas amputadas, devidos aos problemas que eles causavam. Eu não quero isso para você e eu ando em uma borda fina para mantê-lo inteiro."



Anyar estremeceu, mais uma vez com os olhos em branco em seus próprios pensamentos. Ele engoliu em seco, depois endireitou as costas, encarando Vanyae diretamente, algo que o príncipe não podia deixar de admirar.

"O que você quer de mim? Eu gostaria de saber o todo o que você espera de mim."

Vanyae sorriu um pouco, só um leve curvar de seus lábios.

"Para mantê-lo inteiro, você vai ser meu escravo. Você vai estar na minha cama e fazer o que eu mande, qualquer coisa que eu mande. Você não vai tentar fugir, você não vai tentar prejudicar qualquer Nazarian. Você irá controlar seu orgulho e se dobrar ao que é esperado de você ou Tanyan vai sofrer. Simples assim." Ele abafou uma pontada súbita de culpa ao pensar que eram suas decisões que tinham trazido o menino aqui em tudo.

Anyar olhou para ele, os olhos enormes, os dedos apertando firmemente o pão agora esquecido. Choque e descrença seguravam-no imóvel.

"Não," ele sussurrou finalmente, o pânico começando a insinuar-se por todo o seu ser quando ele leu a verdade nos olhos duros do príncipe. "Eu não posso fazer isso. Eu não vou fazer isso!" Ele levantou-se, deixando o pão para o chão, lançando um olhar desesperado sobre o quarto quando ele se afastou de seu algoz.

A janela aberta acenou e ele atirou-se em direção a ela, não se importando onde ela o levou, mesmo que fosse a morte, mas quando ele quase podia tocá-la, seu tornozelo preso deu um solavanco e o parou com a corrente que o prendia e ele caiu duro em cima de um joelho.



# Asas

J C Owens

Por longos momentos ele ficou lá, balançando, então ele se levantou e virou-se para enfrentar o Nazarian.

Ambos estavam em silêncio e, depois, lentamente Vanyae levantou-se e Anyar cerrou as mãos em punhos conforme o príncipe se aproximou. Quando eles estavam face a face, Anyar enxergava com medo crescente o muito grande que este homem era, sua própria cabeça apenas mal chegou ao ombro de Vanyae. Vanyae tinha os músculos experientes de um verdadeiro guerreiro, enquanto os de Anyar eram elegantes com a juventude, ainda não de posse completa de seu poder. Sentiu-se pequeno e ameaçado de uma maneira que nunca tinha pensado antes.

Uma mão com dedos longos se estendeu para tocar a face do jovem guarda que empurrou para longe, começando a respirar os suspiros acelerado do pânico.

Os dedos fizeram uma pausa.

"É a sua decisão a tomar, Anyar. Se você me achar repulsivo, você pode escolher outro, mas você não vai deixar este lugar e eu não posso garantir que outros verão a beleza de tuas asas da maneira que eu faço."

Vanyae recuou e afastou-se, sentando-se mais uma vez à mesa, não querendo pressionar o garoto mais do que ele já tinha. Ele colocou uma mão em sua cabeça e massageou a testa de repente dolorida. Se ao menos ele não parece quase *precisar* de Anyar. Isso ele não podia compreender e por um momento selvagem ele quase quis dar distância entre ele e Anyar, livrar-se desses sentimentos que ele não entendia.



# Asas

J C Owens

A sala ficou em silêncio por longos momentos, apenas os sons fracos de Vanyae que continuara a comer, seus pensamentos voltados para dentro. Ele quase se assustou quando Anyar veio a sua frente.

Ele olhou nos olhos dourados, vendo o medo existe, mas também uma certa força para além de seus anos.

"Você não vai tomar as minhas asas?" As palavras continham um leve tremor.

"Eu não vou, tem a minha palavra." O tom de Vanyae detinha um voto fervoroso. Ele não podia imaginar a atrocidade que seria destruir uma coisa tão bela como essas,

"Você vai garantir que a minha rendição mantenha meu comandante seguro? Você não vai machucá-lo?" A voz jovem apertou ainda mais, então se firmando com a determinação de ver seu líder protegido.

"Eu vou." O tom de Vanyae transparecia a verdade.

Anyar ficou em silêncio, em seguida, procurando os olhos do príncipe. Ele tinha escolha tão pouco e ainda... Este homem tinha, pelo menos, salvado suas asas.

Ele estremeceu. Sua raiva por seu domínio guerreou com o medo do desconhecido. Ele se manteve firme quando Vanyae levantou de seu assento. Seus olhos se encontraram e mantiveram-se.

Anyar estava pensando em Tanyan, em como ele poderia mantê-lo seguro e o lembrete manteve-o ainda quando os dedos retornaram. Ele tremia sob o mais leve toque, não importava o quão duro ele tentou pensar bravamente. Ele fechou os olhos e lembrou o toque de Tanyan e o quanto Anyar ansiava por ele. Ele reuniu sua coragem e



acalmou o seu corpo. Não importava o que o inimigo fizesse com ele, ele iria passar por isso com essa querida e preciosa memória perto de seu coração. Este feria apenas o seu corpo e ele poderia ser usado e atormentado, mas ninguém podia tocar seu coração e alma, a menos que ele os deixasse. Eles eram de Tanyan. Ele só teria de suportar.

"Abra seus olhos."

Ele fez isso, mais calmo em si mesmo, encontrando os olhos atentos, sem expressão.

O leve toque arrastou para baixo em sua garganta, sussurrando macio.

"Bom garoto, Anyar. Meu bravo. Eu não vou dar-lhe dor a menos que você se rebelde. Eu não vou tolerar mais do que o seu comandante faria. Como você estava sob seu comando, agora você está sob o meu. Você teria sido disciplinado lá se você desobedecesse e assim será aqui. Não é muito diferente. Você só teme o que você não conhece."

O toque lentamente viajou até seu peito, fazendo uma pausa para deixar um polegar suavemente circular um mamilo. Ele acordou, levantou-se a um ponto difícil e Anyar ruborizando, tentou desesperadamente controlar a resposta involuntária de seu corpo.

Vanyae o observava com olhos ávidos. "Tão responsivo, tão bonito."

Anyar queria afundar no chão. Levou tudo nele para não empurrar o príncipe a distância.



Bonitos olhos verdes o encaravam. "É esta a sua escolha, Anyar? Você dá-se a mim?"

Anyar sacudiu com as palavras. Olhos dourados o miraram com ódio, mas não havia escolha - ele sabia dessa verdade e o seu captor sabia disso também.

Com desprezo, ele virou as costas para Vanyae e caminhou até a cama, tirou suas calças com raiva e atirou-se de bruços sobre a cama abrindo as pernas, de repente, só queria acabar logo com isso. Dê ao bastardo o que ele queria e então talvez ele fosse deixá-lo sozinho por um tempo.

Mãos suaves libertaram a corrente delicada que prendia suas asas, assim como as mais fortes que as mantinham juntas acima de sua cabeça e ele não pôde conter um suspiro de alívio sincero quando pode finalmente espalhá-las, aliviando assim a dor. Ele estendeu-as em toda sua largura, com um leve gemido de dor, em seguida, deixando-as tocar o chão de cada lado da cama.

A cama caiu quando Vanyae ajoelhou-se sobre ele, pairando sobre Anyar como um predador. Anyar engoliu em seco, com as mãos apertando fortemente os lençóis, os olhos olhando cegamente. *Eu posso fazer isso. É apenas o meu corpo. O corpo não importa...* Ele repetiu as palavras silenciosas como um mantra, mas não conseguiu controlar o pequeno suspiro que deixou seus lábios no primeiro toque na pele de suas costas, logo acima das suas asas. Os dedos eram leves, quase como cócegas, e então eles foram para suas asas, acariciando as penas menores na base, em seguida, acompanhando à medida que foram crescendo. O toque voltou para a área extremamente sensível logo abaixo de onde surgiram as asas de suas costas e ele se contorceu, quase prendendo a respiração.



# Asas

J C Owens

Os dedos percorriam sua espinha, circulando a depressão logo acima de suas nádegas, e Anyar congelou totalmente quando as mãos seguiram acariciando para baixo em todas as suas curvas e depressão. Ele fechou os olhos com força quando dedos repartiram as suas nádegas e ele podia sentir os olhos ávidos, como fogo sobre a sua pele. Ele não podia controlar um arrepio de repulsa a essa exposição íntima e sua respiração falhou inteiramente quando um dedo tocou a sua abertura, o primeiro toque de outro homem lá.

Seu corpo inteiro tenso protestou em silêncio, enquanto ele esperava a invasão, mas para sua surpresa, o dedo apenas traçou sobre a superfície e depois recuou, continuando levemente por suas coxas.

Ele suspirou de alívio absoluto por esse alívio momentâneo. As mãos caminharam para cima novamente e começaram a massagear as costas à direita, onde a dor era pior de sua aterrissagem forçada.

Ele gritou, então, gradualmente diminuiu conforme o toque talentoso trabalhou para seus os músculos, obrigando-os a desatar, relaxarem. Ele não podia evitar um huff de alívio de escapar de seus lábios quando os nós finalmente cederam e houve apenas uma sensação de formigamento, a felicidade total.

Todo relaxamento desapareceu no mesmo instante no qual Vanyae disse-lhe para virar as costas, embora soubesse que ele iria se sentir mais seguro assim. Afinal, os escravos eram levados de joelhos - eles não eram?

Ele dobrou suas asas e então rolou. Ele se recusou a encontrar os olhos de seu captor, mesmo quando Vanyae se inclinou sobre ele, sua língua saindo para lamber os



lábios de Anyar e então forçar o seu caminho em sua boca, varrendo o interior, tocando cada parte dele, reclamando-o.

Anyar ficou mole, não respondendo. Ele poderia ter que fazer isso, mas dane-se se ele daria o bastardo a menor satisfação de uma resposta.

Vanyae não parecia exigir uma. Ele não parecia irritado com o desafio de Anyar, ele simplesmente continuou com seus leves toques e beijos, gradualmente movendo suas mãos para baixo até que ele pegou o eixo mole de Anyar.

Ele começou a pressionar e apertar, esfregando o polegar profundamente na base. Para horror Anyar, seu eixo começou a endurecer, apesar de sua aversão total a situação e em sua inocência ele não podia conceber a razão. Ele não pensava que fosse uma resposta automática de seu corpo, ele só viu isso como uma doença em si mesmo que ele pudesse responder de tal maneira a esse homem, o seu captor.

Anyar observava com olhos cheios de medo que o príncipe fez uma pausa, em seguida, chegou à mesa de cabeceira e pegou um pequeno frasco de óleo. Ele mergulhou um dedo nele e depois o dedo desapareceu da vista de Anyar, apenas para pressionar contra sua entrada mais íntima.

Ele contrariou os quadris e em seguida deu um grunhido de dor quando o dedo empurrou profundamente para dentro dele sem qualquer forma de aviso prévio.

Não foi terrivelmente doloroso, uma vez que estava sentado, mas intensamente humilhante e ele congelou no lugar e fechou os olhos quando o dedo começou suavemente a entrar e sair em uma paródia do que estava por vir.



Quando um segundo dedo começou a sua penetração, ele tentou inutilmente evitar o seu toque, fazendo um som em sua garganta quando os sentiu mergulhar profundamente e então começar a abri-los, estendendo-o para ele.

Ele mordeu o lábio até sangrar, apertando os olhos fechados mais firmemente quando um terceiro dedo deslizou, intensificando a dor. Caros deuses, era isso que ele queria com Tanyan? Como ele poderia ter sido tão tolo? Por que alguém iria querer esse horror?

Aos poucos, ele parecia se estender o suficiente para que a dor subisse a um nível suportável. Os dedos mantiveram seus movimentos em ritmo constante e ele olhou para o lado, tentando desesperadamente não demonstrar nenhuma reação. Ele podia sentir os olhos de Vanyae em cima de seu rosto, observando todas as nuances de sua expressão.

Os dedos se enroscaram e seus quadris levantaram em reflexo a intensidade da sensação que explodiu sobre a sua consciência. Apesar de seu maior esforço, um grito chocado deixou seus lábios e foi cortado quando Vanyae engoliu o som em um beijo profundo.

Ele se contorcia de descrença conforme as sensações continuaram e Vanyae esfregava os dedos sem misericórdia sobre algum ponto de seu corpo que ele nunca tinha conhecido, jamais havia concebido existir.

Seus quadris se moveram por vontade própria, não importando o quão duro ele tentou controlá-los, pois eles impulsionavam no tempo dos movimentos de Vanyae e ele sentiu-se apertando, endurecimento, pronto.



Os dedos puxaram para fora e ele caiu, ofegante, de olhos arregalados, incapaz de se mover quando Vanyae apoderou-se dele e baixou os quadris no berço das coxas trêmulas de Anyar.

Algo cutucou em seu corpo, então começou a empurrar para dentro e ele arqueado com a dor, lutando.

Vanyae foi paciente, ele segurou lá até que os músculos de Anyar relaxaram uma minúscula quantidade e em seguida ele apenas entrou.

O jovem guarda gritou, começou a lutar como uma coisa selvagem, debatendo e se contorcendo sob o corpo de seu captor.

Vanyae montou-o para fora, observando, esperando...

Quando o esgotamento total reclamou Anyar, quando ele caiu de volta para a cama, então Vanyae pacientemente começou a pressionar de volta, um pouco de cada vez.

Anyar mordeu o lábio até que o sangue lhe escorria pelo queixo, a dor muito chocante até mesmo para se mover contra. Ele lutou contra os gemidos que queriam libertar-se, lutou contra o impulso para implorar misericórdia.

Por fim o movimento parou e Vanyae estava totalmente em seu traseiro. Anyar podia sentir cada batimento cardíaco de seu algoz através da lança de carne que estava dentro dele.

Vanyae não se moveu, mas começou a beijar suavemente sobre o rosto e pescoço de Anyar, suas mãos acariciando os cabelos de Anyar e nivelando-as sobre seu peito, lavou com sua língua o sangue fora do lábio mordido.



"Ssh, vai aliviar, meu jovem. Só... Respire. Respire."

Anyar balançou com a dor, tremendo com o choque.

Vanyae acariciou sua bochecha, fazendo-o olhá-lo em seus olhos. "O pior já passou, Anyar. Respire. Isso vai facilitar. Isso eu juro pra você."

O desespero alimentou a obediência de Anyar e ele faria qualquer coisa para fazer cessar a dor. Ele respirou tremendo, inspirando rapidamente.

"Profunda e lenta. Profunda e lenta." Vanyae sussurrou.

Anyar obedeceu, os olhos dourados bloqueados com os verdes.

"Suavemente. Respire comigo. A dor vai diminuir."

Anyar encontrou-se obedecendo ao poder nos olhos de Vanyae e para sua surpresa e alívio, funcionou. O latejar ainda estava lá, mas a dor, a aguda punhalada parou, assim como seus espasmos involuntários contra o intruso.

Só então Vanyae começou a se mover, lentos, suaves, movimentos curtos, balançando.

A mente Anyar girou, seu corpo balançou com sensações que ele não poderia interpretar nem parar. Doeu, mas também era estranho, um sentimento de plenitude, um alongamento. Então o príncipe mudou de ângulo e Anyar gritou quando a coluna de carne esfregou sobre esse ponto em seu corpo.

Arrepios correram sobre sua pele, seu corpo arqueando sem o seu conhecimento, seus dedos enrolando com a sensação quase insuportável. Ele ofegava, os olhos



arregalados com descrença e Vanyae inclinou a cabeça para capturar sua boca, possuindo sua própria respiração.

As estocadas se aprofundaram até que Anyar não poderia separar a dor do prazer. Eles haviam-se tornado um, seu corpo se contorcendo em seu empalamento, sua respiração vindo em calças duras, seus sentidos arremessados em direção a alguma conclusão que ele não poderia imaginar, mas a qual ele se tornou desespero para alcançar.

Nada parecido com os desajeitados encontros lúdicos, sua autogratificação. Isso estava totalmente em outro plano e ele tanto temia quanto antecipava o fim.

Vanyae apoiou-se em uma mão, abrindo mais os joelhos para se apoiar e usou a outra mão para agarrar o eixo de Anyar, começando a acariciá-lo duro e rápido, apertando-o.

O jovem guarda arqueou mais, um grito de lamento deixando sua garganta.

"É isso aí, meu lindo. Cante para mim, só para mim..." A voz de Vanyae era áspera e ofegante, os olhos fixos na visão erótica diante dele. Seus olhos moveram-se para baixo, vendo o seu eixo desaparecer na fenda do menino, reaparecendo liso e vermelho, apenas para afundar nas profundezas novamente. Ele se deleitava com o aperto, o conhecimento de que nenhum outro jamais havia conhecido essa passagem, esse prazer antes dele. Seus olhos se estreitaram na posse feroz.

Ele nunca o deixaria ir.

O choro cresceu em volume - suspiros, gemidos e choramingos - quando Anyar começou a bater a cabeça para trás e para frente, clamando para a liberação, pedindo para



ele parar - ou não. Ele não podia mais pensar, apenas sentir. Seu corpo ficou tenso até que ele achou que não conseguiria mais respirar, não poderia sobreviver a mais um momento. A força da onda rolou sobre ele, o afogou.

Ele gritou - ou era apenas um gemido? - Seu corpo convulsionando em torno da lança dentro dele. E Vanyae jogou a cabeça para trás e gritou seu triunfo, sua semente banhando Anyar lá no fundo, marcando-o com seu calor, marcando-o como a posse do príncipe...

Seu escravo.

## CAPÍTULO CINCO

Vanyae observava um pouco do sono de seu parceiro de cama e com dedos suaves ele traçava a pele dourada. Ele pensou que talvez tomar Anyar, satisfazendo seu desejo, fosse libertá-lo da atração que sentia. Em vez disso, ele a sentia maior, mais potente.

Ele lentamente puxou a mão e rolou de costas, com os lábios estreitos conforme o menor homem gemeu e se encolheu mais perto de seu calor. Ele olhou para a escuridão e desejou, pela primeira vez, que nunca tinha posto os olhos sobre o menino, tanto para o bem de Anyar quanto para o seu. Uma parte dele queria mais para Anyar do que a cultura



Nazarian permitiria. De alguma forma, ele tinha que pegar esse menino para fora do seu sistema.



O grande salão estava quente e opressivo, as enormes portas fechadas contra a tempestade que se alastrou lá fora. Fumaça das chaminés girava apenas sob o teto, a luz das tochas fazendo com que parecesse névoa antes de ela finalmente fosse sugada para fora pelas aberturas de madeira.

Risos e argumentos levantaram-se e caíram e os funcionários correram para suprir a bebida para que se adequasse à profusão de senhores e senhoras que se reuniam à noite para a festa.

Os escravos cobriam as paredes, alguns de joelhos, alguns de pé, atentos às necessidades de seus donos e amantes. Favorecidos se ajoelhavam aos pés de seus proprietários, muitas vezes sendo alimentados à mão, um sinal de grande favor.

Anyar inclinou-se longe das mãos que tentavam alcançá-lo, enrolando-se mais em si mesmo enquanto ele metade se ajoelhava, metade ficava entre as pernas de Vanyae.

"Vamos, Vanyae. Eu só quero um rápido gosto dele. Você o manteve para si mesmo nos últimos dois meses sangrentos. Compartilhe um pouco."

Mãos duras agarraram a camisa de Anyar, puxando-o de sua segurança e Anyar olhou em terror para o rosto sorridente do homem que o puxou para cima, cobriu a boca com a dele e tentou penetrar seus lábios presos.



Ele rosnou em fúria súbita e mordeu.

A posse foi solta e ele caiu para trás enquanto seu algoz tocava seu lábio mordido em aberta descrença.

Anyar se pressionou de volta contra Vanyae, seu mestre parecendo um porto seguro em comparação com o bruto na frente dele. Ele resmungou mais uma vez, incapaz de controlar a si mesmo, seus olhos nunca deixando o homem.

Com sangue em seus dedos, o homem olhou para ele em estado de choque, que logo se transformou em fúria. Ele se aproximou, só para ter seu pulso preso em um aperto inquebrável.

"Mantenha as suas mãos para si mesmo, Bayner, e você não conhecerá sua mordida. Você o provocou." O tom de Vanyae se assemelhava ao aço.

"Eu pensei que você tinha dito que ele foi domado. O puto é uma ameaça. Uma ameaça desprezivelmente perigosa." A voz de Bayner vibrou com raiva e descrença de que o escravo Melanian a pouco tivesse tido a coragem de atacá-lo.

"Ele é perigoso para quem o maltratar. Deixe o em paz e ele vai te deixar sozinho." A voz de Vanyae cresceu em provocação. "Use o seu próprio escravo um pouco, Bayner. Ele é mais seu tipo. Eu gosto da natureza do meu."

Bayner tocou o lábio novamente e olhou para Anyar. "Estou vendo. Você deve mantê-lo amordaçado para que ele não possa morder a outro, meu príncipe. Eles vão exigir retribuição se isso vier a acontecer. Você tem sorte que eu sou um amigo. Você deve tomar suas asas, o que iria resolver."



# Asas

J C Owens

"Qualquer um que tocá-lo sem minha permissão tem apenas a si mesmos para culpar por aquilo que ocorrer. Vou avisar os outros quando eles vierem, então, se você acha que é necessário."

"Bichinho," Bayner murmurou, lançando um último olhar venenoso ao escravo Melanian.

Vanyae apenas sorriu, seus dedos acariciando gentilmente as asas de Anyar, onde elas estavam dobradas firmemente contra a sua perna, onde o seu pequeno escravo se refugiara.

A conversa voltou-se para outras coisas e Anyar começou a respirar normalmente de novo, embora ele não se movesse de sua posição. O acariciar de Vanyae era, mesmo que de leve, tranquilizante e ele não tinha desejo de se mover de seu mestre e tornar-se um alvo para os foliões embriagados que o viam como um jogo justo uma vez que ele era um escravo.

Ele estremeceu com a ideia, mas ficou amargamente acostumado com o termo ao longo do tempo.

Ele *era* escravo. Escravo de Vanyae. Era uma escravidão mais leve, de longe, do que a maioria que tinha presenciado, mas ele ansiava por liberdade, ansiava por Tanyan e por casa.





Vanyae olhou pensativo para o seu vinho, girando-o até sua imagem desaparecer. Como ele se meteu nessa confusão? Ele realmente nunca tinha prestado atenção aos escravos em torno dele, nunca tinha realmente querido em sua cama. Eles eram nulidades para ele. Apesar de ter tomado um ou dois em um momento no qual a necessidade não pôde ser cumprida de outra forma, na maior parte tinha tomado amantes de livre escolha.

Agora ele tinha Anyar e doía-lhe que ele não soubesse se o rapaz gostava de seu toque ou suportava-o porquê precisava. Ele não conseguia entender porque isso era importante para ele. Um escravo era um escravo. De alguma forma, ele tinha que parar esses sentimentos, colocar o menino no rol ao qual ele pertencia. Cuidado, mas não ama-

Ele resmungou sob sua respiração e tomou um gole profundo, em seguida, virou-se para Bayner quando o homem falou com ele.

"Eu vou ter o pagamento em espécie. Ele tirou sangue, agora ele deve acalmar meu sangue. Vamos lá, Vanyae, eu te dei Geralt por uma semana da última vez que você queria um escravo. Você não pode tê-lo acreditando que pode ir longe com esse tipo de comportamento."

Vanyae olhou para temerosos olhos dourados, uma frieza dentro dele. O menino era um escravo, nada mais, nada menos. Ele tinha que se lembrar disso.

Anyar estava frio pelo medo quando Vanyae olhou para ele, os olhos distantes, uma careta pensativa enrugando sua testa. Seu coração se afundou totalmente quando seu mestre olhou para longe, balançando a cabeça.



"Não em público, no entanto. Ele é muito raro para esse tipo de exibição. Eu não vou ter o seu sofrer sendo mostrado para essas pessoas. Hoje à noite, mais tarde."

Anyar enrolou-se em si mesmo com mais força, colocando sua cabeça doendo sobre os joelhos e fechando os olhos contra o sorriso triunfante do Bayner.

Um escravo, um servo.

## CAPÍTULO SEIS

Anyar engasgou quando o eixo de Bayner bateu na traseira de sua garganta e ele tentou voltar desesperadamente, mas como ele foi empalado por Vanyae, não tinha para onde ir.

Seu mestre reprovou seu amigo, para alívio de Anyar.

"Ele é novo para isso, vá com cuidado. Eu não quero que ele odeie tanto quanto você pode querer. Ele é bom com a boca: deixe-o dar-lhe prazer sem força."

Anyar começou a perceber a espécie de mestre com o qual estava quando encontrou a brutalidade de Bayner. O homem não teria nenhuma preocupação para como ele se não fosse pelas advertências do príncipe. O jovem fervorosamente tinha pena de quaisquer escravos que fossem de propriedade desse homem.

Talvez ser escravo do príncipe fosse um lugar melhor do que ele tinha imaginado.



A única saída para esta situação intolerável era ter Bayner vindo o mais rapidamente possível, assim ele aplicou todos os ensinamentos de Vanyae para o momento: enrolando a língua ao redor da cabeça, mergulhando delicadamente na ranhura e sugando suavemente lá, esfregando a parte inferior, pressionando ao longo da veia e então engolir o eixo de todo o mais profundamente possível, dado o enorme tamanho. Tentou não pensar no que estava fazendo, apenas fazendo o seu melhor.

Ele sentiu que o grande homem estava tremendo, a respiração aumentada e chupou com mais urgência, os dedos suavemente ondulando nas bolas enormes em seu saco macio.

Ele engasgou quando o esperma atingiu a traseira de sua garganta, mas manteve a sua língua se movendo para garantir que teria acabado o mais brevemente possível. Ele deixou cair a boca aberta rapidamente para deixar o líquido escorrer para fora de sua boca. Ele não queria qualquer parte dessa pessoa dentro dele.

Quando Bayner cedeu de volta para a cama, olhando cegamente, Anyar discretamente limpou a boca nos lençóis, estremecendo com desgosto.

O encontro parecia ter Vanyae satisfeito ou talvez tenha despertado uma possessividade nele, pois suas estocadas aceleraram, batendo em Anyar com cada vez mais força, a mão descendo para trabalhar no eixo de seu escravo.

Anyar sentiu o aumento de sua paixão, como sempre, no agarre de seu mestre. Ele arqueou debaixo do maior homem, de olhos fechados conforme ele deixava escapar um grito suave que logo se transformou em lamentosos pequenos ruídos conforme as sensações subiam para engoli-lo.



Vanyae beijou seu pescoço e mordeu suavemente quando ele ordenou: "É isso aí, pequeno, cante. Mais alto agora. Cante."

Ele não podia ajudar a si mesmo. Com seu corpo apertando, ele gritou, mais alto e então mais alto ainda, uma canção apaixonada de entrega e prazer relutante.

Ele e Vanyae vieram ao mesmo momento, com ele arqueando para trás e Vanyae enrolado para frente, seu mestre engolindo os seus sons, levando-os para dentro de si, possuindo totalmente até mesmo sua voz.

Anyar desmoronou então, com Vanyae enroscado sobre ele e deitou-se com a sensação de saciedade, desfrutando, na verdade, a sensação de mão do príncipe acariciando seu quadril. Depois da presença do contato com Bayner, Vanyae se sentia como um refúgio.

Como se os pensamentos de Anyar o convocassem, Bayner falou. "Ele é uma maravilha, meu amigo. Não admira você não desejar-lhe arruinado por outros. Não admira que você o mantenha enjaulado. Ninguém poderia ouvir seus gritos, sem querer possuí-lo totalmente. Ele é um tesouro."

"Sim," o príncipe sussurrou, o tom quente e apaixonado enquanto ele acariciava seu escravo suavemente. "Ele é *meu* tesouro." O príncipe sabia naquele momento que ele nunca poderia fazer isso de novo. Compartilhando seu tesouro não iria acontecer no futuro. Isso não levaria os sentimentos dele. Por alguma razão, esta não era a resposta.

Ele deu um beijo suave no cabelo preto e maravilhou-se com um tipo obscuro de desespero ao imaginar onde esta estranha relação poderia levá-los.



Anyar estava sentado com as costas contra a parede de pedra, suas asas abertas, com o rosto voltado para o calor do sol. O vento soprou suavemente através de seu corpo nu e pela primeira vez desde sua captura, ele sentiu uma pequena quantidade de paz em si mesmo.

Vanyae tinha aumentado sua corrente para que ele pudesse se sentar na varanda enorme, ainda longe o suficiente da borda para atender os temores de seu mestre. Estar fora... Ele suspirou longo e baixo e fechou os olhos. Estar sozinho afinal...

Ele abriu os olhos e, olhando para o céu, viu as nuvens e as invejava pela sua liberdade.

A brisa agitava as suas penas e ele sentiu a sensação com uma pontada de tristeza, a sua paz desbotamento. A perda do vôo era como uma dor persistente que nunca o abandonou, um sentimento de perda. Será que um dia voaria novamente ou eles simplesmente manteriam o corte de suas asas?

Uma lágrima deslizou por seu rosto e limpou-a longe com um movimento rápido e furioso. Chorar? Chorar não o conseguiria livre.

Ele perguntou sobre Tanyan e como ele estava se saindo com tudo isso. Teriam sido suas asas também podadas? Estava ele também sendo usado desta maneira, quebrando lentamente dia a dia?



Deuses, ele esperava que não. Ele esperava que ele fosse o único que iriam tratar de tal maneira. Ele não podia suportar a ideia do comandante corajoso sendo humilhado. Ele segurou-se a seus sentimentos por Tanyan, como o último bastião contra Vanyae, o último pedaço de sua terra natal que ele podia segurar perto e assim manter-se livre da dor, a única maneira que poderia aceitar o que estava acontecendo com ele.

Ele sentiu a mudança em si mesmo, sentiu que ele estava se enfraquecendo, tornando-se o que o príncipe queria. Ele lutou menos, obedeceu mais, desgastado e cansado em sua mente e corpo. Às vezes, ele encontrou-se reconhecendo um comando antes desde ter sido dito e agia, sem dúvida. Ele estava se tornando um verdadeiro escravo.

No entanto, havia algo mais, uma parte dele que começou a responder ao príncipe, começou a vê-lo como um homem, não como o seu captor. Durante os períodos em que Vanyae era dolorosamente delicado, havia algo em seus olhos que Anyar realmente não podia entender e ainda com aquele olhar Anyar sentiria o aumento da emoção nele. Algo morno e...

Ele sentia náuseas... Na parte de sua mente que ainda restava. O resto ele simplesmente admitiu; qualquer coisa por uma medida de paz, pela falta da dor. Seus olhos se fecharam fortemente quando outra lágrima escorria da sua face, mas isso era tudo o que tinha para medir a sua tristeza interior.

Ele puxou violentamente quando um dedo limpou a lágrima, os olhos abertos voaram e suas asas pararam um pouco antes de esbofetearem Vanyae. O príncipe não vacilou na proximidade das asas gigantes, sem dúvida, bem consciente de que seu escravo sabia melhor do que prejudicá-lo. Ele levou o dedo com a lágrima brilhando em cima



dele e levou-a aos lábios, saboreando-a, tendo a tristeza de Anyar dentro de si mesmo. Seus olhos verdes subiram para Anyar e eles olharam um para o outro por longos momentos antes do jovem Melanian baixar o olhar, incapaz de se sentir igual o suficiente para encontrar o olhar de seu mestre com tal intensidade.

Dedos suaves levantaram seu queixo e o príncipe beijou-o suavemente, tão suavemente e agradavelmente que Anyar foi deixado sem fôlego, incapaz de compreender o significado por trás de tal gesto. Lentamente o beijo terminou e havia algo quente e especial aos olhos do Vanyae mais uma vez, algo que fez dentro de Anyar quente novamente.

A mão calejada saiu e acariciou sua asa negra, fazendo-o se contorcer com a confusão.

"Você *vai* voar de novo, Anyar. Eu juro. Eu quero ver você subir mais uma vez. Eu nunca vi nada tão bonito, tão alegre como isso..." A voz do príncipe sumiu, como se suas próprias palavras o surpreendessem, então ele parou abruptamente e ofereceu sua mão.

"Venha, vamos andar."

Então, casualmente, como se as palavras não fossem impressionantes, não constituíssem a oferta para uma liberdade da qual Anyar tinha quase se esquecido.

Ele hesitou, imaginando se fosse uma piada cruel da parte do príncipe, mas a mão estava firme e seus olhos não estavam insensíveis. Ele chegou com dedos trêmulos, quando suas mãos se encontraram e foram seguras.



O dia estava muito bonito e claro, a brisa perfumada com os aromas do início do verão, flores e verdura fresca. Anyar tentava olhar em todos os lugares ao mesmo tempo, tentando mergulhar em todos os sentidos, cada visão, para que ele pudesse mantê-las com ele quando sua prisão retornasse. O cavalo que ele montava era bonito, menor que o garanhão de Vanyae, mas cheio de espírito e Anyar o manuseava com cuidado, satisfeito com sua resposta e boca suave.

Vanyae observou-o, sentindo um calor dentro de si mesmo ao qual ele não poderia colocar um nome. Os olhos de Anyar tinham perdido a sua apatia e despertado em curiosidade e vida. Sua postura corporal também mudou, ele sentou-se reto e orgulhoso, com a postura natural de um cavaleiro de verdade. Muitas vezes ele inclinava a cabeça em um som ou fechava os olhos a um cheiro, apreciando-os de forma tão intensa que fez com que Vanyae se despertasse para as coisas que antes ele tomava por totalmente comum.

Assistindo através dos olhos de seu pequeno escravo, as coisas pareciam novas, frescas e interessantes. Vanyae lentamente começou a despertar para o conhecimento de que Anyar era uma pessoa, tinha uma vida própria. E ele ficou curioso sobre a sua vida. O que Anyar gostava, não gostava? Quais foram seus pensamentos e sonhos? A curiosidade do príncipe sobre o assunto era diferente dele em todos os aspectos. Os escravos eram escravos. Quem se importava com o que eles pensavam ou queriam ou desejavam? Não tinha importância.

Anyar era diferente de alguma forma e Vanyae não conseguia conceber como nem por que, só sabia que ele havia se tornado importante para o príncipe de uma maneira completamente diferente de qualquer outro. Vanyae estava ansioso para ir para seu quarto à noite, impaciente com qualquer coisa que o impedia de deixar o dia para trás e possuir



# Asas

J C Owens

o seu pequeno escravo. Ele dormia melhor do que nunca tinha antes e não era apenas o sexo, ele segurava o pequeno Melanian junto a ele durante a noite e era reconfortante de alguma forma, ter a presença morna do pequeno pressionando-se contra ele. Não era completamente sexual e isso intrigava, e muito, o príncipe. Ele nunca quis alguém para ficar em sua cama antes, certamente nunca dormir com ele. Por que este?

Ele deu a ordem para voltar para casa, os pensamentos voltados para dentro e não foi até eles quase chegaram ao palácio que ele notou o comportamento de Anyar. O Melanian tinha se encolhido em si mesmo, de cabeça baixa, suas asas fixadas perto como em conforto.

Vanyae franziu a testa. Naquele momento ele sentiu profundamente o desespero de seu pequeno escravo, que o incomodava quando em face da diferença de momentos atrás, quando ele brilhou com curiosidade e liberdade.

O contraste era grande demais para ignorar.

Ele virou-se para frente, descontente em sua própria preocupação.



Anyar lentamente tirava as roupas que Vanyae lhe havia dado, cuidadosamente dobrando-as e acariciou a mão sobre o pano melancolicamente. Tinha sido tão maravilhoso se vestir de novo, ser recatadamente coberto e sentir-se... Como uma pessoa, não um brinquedo sexual.



# Asas

J C Owens

Mas isso acabou agora e ele teve que voltar ao que era. Ele fechou os olhos por um momento, envolvendo suas asas em torno de si como se a negar o pensamento. Ele era um escravo, não mais do que isso.

Ele ouviu Vanyae entrar e se virou para ele, empalidecendo, enquanto lia o desejo nos olhos do príncipe. Vanyae poderia ser negligente a atenção quando ele estava quente com a necessidade e Anyar preparou-se para uma noite de dor. O prazer só viria quando o príncipe tivesse se fartado e lembrasse que seu escravo também tinha necessidades, e então era mais suave.

Anyar caiu de joelhos e se posicionou como ensinado, descansando sobre os calcanhares, as mãos sobre as coxas, as pernas abertas, suas asas abertas de um lado para outro, de modo a não ficar no caminho do prazer de seu mestre. Ele tentou se lembrar do dia, a forma como o ar tinha cheiro, a beleza do céu, as árvores - nada além disso.

"Deite-se sobre a cama, pequeno." A voz de Vanyae era áspera com desejo e Anyar estremeceu quando ele obedeceu cegamente, posicionando-se de costas com as pernas abertas e levantadas. Ele fechou os olhos quando sentiu o peso de Vanyae sobre a cama e esperou a dor da penetração.

Em vez disso, os dedos acariciaram-no suavemente até as coxas e seus olhos se abriram quando os lábios de Vanyae encontraram-se com os seus, a sua língua pedindo passagem. O beijo foi diferente de alguma forma, menos invasiva, quase como... Cuidado.

As mãos de Vanyae começaram acariciando sobre sua pele, suavemente, quase em cócegas, fazendo Anyar tremer, seu desejo ascendendo rapidamente.



Lentamente o beijo terminou e Vanyae começou a lambar e beliscar o seu caminho para baixo, até que ele rapidamente, e sem aviso, tomou Anyar na boca pela primeira vez.

O Melanian gritou, arqueando na boca de seu mestre, agarrando desesperadamente nas cobertas. Nunca sentiu tanto prazer. Seu corpo tremia como se com febre e quando Vanyae parou para umedecer os dedos e, em seguida, mergulhá-los em profundidade no corpo de seu pequeno escravo, Anyar se perdeu.

Com um grito áspero, forte, ele chegou, seu o corpo arqueado em uma curva, os olhos arregalados com o choque.

Mãos duras agarraram seus quadris e conforme ele veio, ele foi transpassado por um eixo duro e quente. Ele gritou com prazer/dor e depois Vanyae estava penetrando-o, balançando seu corpo sobre a cama macia.

Os olhos ferozes de seu mestre estavam travados nos seus enquanto Vanyae inclinava seu quadril e esfregava contra a próstata de Anyar com cada movimento de seus quadris.

"Meu, você é meu!" A voz do príncipe foi dura com a luxúria e a emoção interior. "Diga! Nomeie-se como meu."

Anyar estremeceu, seu corpo comprimindo-se e endurecendo-se apesar de sua liberação anterior. Ele mal conseguia entender as palavras, mas a intensidade de seu mestre se empurrava em sua consciência.

Um impulso particularmente difícil e profundo o fez choramingar, seu corpo se contorcendo em seu empalamento.



"Diga! A quem você pertence? Quem possui seu corpo e alma?" As perguntas eram assobios entre os dentes cerrados.

Anyar, ardente, encontrou seus braços levantando-se e agarrando nos ombros de Vanyae, algo que nunca tinha feito antes. Nunca tinha tocado voluntariamente seu mestre. De alguma forma, agora, houve mais entre eles. Este momento, desta vez, parecia profundo com significado, tornando-os mais do que o mestre e escravo, alguma coisa...

"Você." ele sussurrou, estremeando em traição conforme a palavra deslizou de seus lábios.

Vanyae abaixou a cabeça e beijou-o profundamente, então mordiscava o lábio inferior enquanto ele mergulhava mais duro.

"A quem você pertence?"

Anyar respondeu ofegante: "Você. Eu pertenço a você."

O príncipe lambeu os lábios de Anyar e então mergulhou sua língua profundamente em sua boca em recompensa, roubando-lhe a respiração, aumentando o atrito entre o seu centro de prazer, fazendo-o gemer com a necessidade.

"Diga meu nome, pequeno, meu Anyar. Deixe-me ouvir o meu nome em seus lábios."

Anyar não aguentou mais. Fogo arrancou ao longo de suas terminações nervosas enquanto ele arqueava na conclusão.



"Vanyae!" ele gritou e em alguma parte de sua mente, ele lamentou a parte dele que tinha acabado de se distanciar.

Quando tinha ele começado a mudar?

Vanyae encontrou-se ponderando esta questão. Ele estava fazendo coisas que ele nunca tinha previsto, questionando coisas que ele nunca tinha questionado. Reconhecer a infelicidade de Anyar parecia torná-lo mais consciente dos escravos ao seu redor e a possibilidade de que eles, como seu pequeno, mereciam mais. Ele encontrou-se mais amável e mais paciente com os empregados, observando suas necessidades e vendo-as cumpridas, tudo sem dizer nada a ninguém quanto a sua luta interior. Ele havia sido criado com os escravos que serviam a ele. Ele nunca tinha considerado a possibilidade de cuidar de um para além de sua utilidade.

Mas agora?

Agora parecia que ele estava vendo-os como... Pessoas. Ele começou a notar quando eles eram maltratados, imaginando Anyar passando por isso. Ele ainda questionou seus próprios motivos e ações, desde que assumiu como cativo o jovem Melanian. A esta luz, as coisas que fizera... Pareciam erradas, algo que ele nunca tinha considerado. Se ele quisesse Anyar como parte de sua vida, como mais que um servo, em seguida, outros iria questionar isso, protestar contra ele. Como ele faria uma mudança quando a escravidão foi sempre a norma?

Parecia impossível. No entanto, para Anyar, parecia valer a pena.



Se ele só pudesse transformar, o que ele havia feito, o que ele tinha feito o pequeno suportar. Seria possível curar isso e ter Anyar para cuidar dele?

Isso também parecia impossível.



A vida parecia ter mudar para Anyar e ele achava cada vez mais e mais difícil se agarrar ao seu ódio de Vanyae. Seu mestre parecia diferente de alguma forma, mais suave com ele, mais carinhoso. Ele não o punia em vez disso trouxe recompensas para as pequenas coisas e às vezes sem razão coisa que Anyar não conseguia entender.

Ele começou a levar Anyar com ele aos lugares e isso mais do que qualquer coisa fez mais leve o desespero do jovem. Foi preciosa, essa liberdade tênue, e ele a saboreou em cada momento. Ele sempre pensava que nunca havia entendido o que significava a liberdade, até que ela foi tirada dele.

Ele começou a ver os Nazarians como pessoas e não só como inimigos, pois agora ele encontrou mais do povo comum, aqueles que não parecem se importar que ele fosse um Melanian. Eles realmente não pareciam muito diferentes de seu próprio povo, suas necessidades e desejos de vida diária pareciam muito similares. Eles não pareciam os monstros da lenda e sim apenas pessoas.

Ele desejou que ele pudesse ter se encontrado com eles em pé de igualdade: como um homem, não um escravo. Ele teria encontrado as diferenças e semelhanças interessantes e ele nunca tinha sido muito bom em ódio, afinal. Mesmo agora, sua raiva



era uma coisa frágil, mantida perto para protegê-lo, mas a cada dia parecia mais difícil de odiar.

Esta mudança o apavorou. Ele tinha que fugir. Ele tinha que liberar Tanyan e devolvê-lo ao seu povo. Ele tinha que fazer.

Neste dia, eles estavam no mercado, Anyar caminhando dois passos atrás de seu mestre e com os olhos arregalados em todas as mercadorias em exposição. Havia coisas que ele nunca tinha visto antes: frutas e legumes que não poderiam crescer no clima mais severo de Melan. Havia uma grande variedade de frutos do mar, da parte oriental de Nazar que fazia fronteira com o oceano. Anyar nunca tinha visto o oceano, só ouvia falar, e sua imaginação falhou na tentativa de criar uma imagem de um corpo tão grande de água. Vanyae tentou descrevê-lo, mas a melhor imagem que Anyar poderia pensar era um enorme lago, tão grande que não se podia ver o outro lado. Só isso já era inspirador. Vanyae falou sobre as ondas açoitando o litoral e o som de sua quebra nas praias rochosas.

Anyar perguntou-se melancolicamente se algum dia Vanyae poderia levá-lo para ver uma vista tão maravilhosa, mas a chance que parecia vaga e sem esperança verdadeira.

Ainda assim, ele ficou fascinado quando Vanyae apontou para ele e trouxe Anyar ao seu lado enquanto o príncipe mostrava-lhe várias conchas que tinham vindo do próprio oceano. Anyar não tinha certeza se o seu senhor estava dizendo a verdade quando disse que se você segurasse um em seu ouvido, você poderia ouvir o som das ondas, mas disparou sua imaginação de qualquer maneira. O fato de que o príncipe lhe deu uma bela concha o fez corar com prazer e ele carregou o pequeno tesouro atentamente, com cuidado por sua fragilidade.



Vanyae sorriu para sua absorção intensa em um presente tão simples e barato, não ironicamente, por uma vez, mas com uma espécie de carinho divertido pelo qual Anyar não se importava.

Arrastando atrás de seu mestre, Anyar assistiu ao fluxo e refluxo de pessoas com fascinação, tudo novo e digno de nota.

Foi por isso que ele passou a observar o homem em pé entre duas barracas de comércio, imóvel nas hordas de pessoas que passavam, os olhos fixos em Vanyae. No início ele parecia pouco digno de nota, mas Anyar sentiu um mal-estar, um instinto de que nem tudo estava certo.

Ele olhou para os guardas de Vanyae que estavam dez passos atrás do príncipe, à vontade. Anyar sabia que nunca tinha havido um ataque aos personagens reais dentro da própria capital e se ele trouxe sua preocupação instintiva, ele seria certamente ridicularizado.

Zombando de si mesmo, mas mantendo um olho no homem, ele aproximou-se de Vanyae, os dedos movendo-se ao seu cinto, embora não houvesse faca.

Quando o homem avançou com rapidez incrível, Anyar sentiu que ele se moveu em câmera lenta, sua frágil concha caindo esquecida no chão. Estendendo suas asas, empurrou Vanyae duramente para baixo e para o chão, quando Anyar passava por cima dele para encontrar o atacante com as mãos.

Tudo o que ele viu foi uma careta de ódio em características distorcidas, o flash de uma lâmina... E sentiu um impacto sobre o peito, mas seu único pensamento era proteger...



# Asas

J C Owens

Ele empurrou para o atacante, encontrando subitamente surpreendidos olhos castanhos. As asas de Anyar estavam altas e agressivas conforme elas frisavam para esbofetear o homem com força e com raiva. Ambos cambalearam sob o assalto menos e o atacante agarrou Anyar, arrastando-o para baixo, fazendo com que ambos caíssem. Dor floresceu no ombro de Anyar, de modo que ele respirou forte, mas ele se recusou a liberar o seu adversário enquanto rolavam, poeira voando da luta.

Ele podia ouvir gritos e gritos, mas sua atenção estava toda sobre o seu adversário, um adversário que trouxe a faca para atacar uma vez mais, braço levantado, a expressão selvagem e louca.

O controle de Anyar sobre os braços do atacante balançou com o esforço enquanto ele lutava para manter a faca longe de sua garganta. Então o homem arqueou, a boca abrindo em um grito curto e agudo, antes que ele caísse para frente no peito Anyar, um último suspiro passando por seu ouvido.

Então, e só então, a explosão de agonia se fez presente sobre a consciência de Anyar e ele gemeu com ela, a visão esbranquiçada nas bordas.

De repente, o corpo foi retirado, lançado longe dele ferozmente, e Vanyae estava ao seu lado, o rosto pálido, os olhos frenéticos de preocupação. No primeiro momento Anyar não conseguia entender o porquê, mas depois seu mestre o tocou no peito suavemente e seus dedos saíram molhada com sangue.

Ele sentiu-se girar e Vanyae se aproximou, segurando uma de suas mãos e apertando até o ponto de dor.

"Você não vai me deixar, Anyar. Você pode me ouvir? Você *não* vai me deixar!"



Anyar poderia ter balançado a cabeça, ele realmente não sabia, mas então ele caiu através da escuridão e os pensamentos o deixaram totalmente.

## CAPÍTULO SETE

Ele despertou lentamente, à dor era esmagadora. Sua mente se encolheu de pleno despertar, como se percebendo o que estava na reserva. Seus pensamentos estavam confusos e lentos e só a sua audição parecia estar funcionando. Seu corpo não se movia por conta própria e cada respiração era a mais pura agonia, uma prova de resistência, o suficiente para que ele orasse para parar completamente, qualquer coisa em vez de suportar a dor que o fez querer gritar.

Não havia respiração suficiente para gritos, apenas para a sobrevivência e seus olhos se abriram, em seguida, o pânico nublando sua razão. Ele não conseguia respirar, não podia...

Vozes soaram perto dele e mãos suaves cuidadosamente o levantaram sobre almofadas macias, facilitando um pouco o trabalho de sua respiração.

Ele viu o rosto de Vanyae acima dele e viu-se segurando seu mestre, silenciosamente pedindo consolo.

O rosto de Vanyae mostrava seu abatimento, mas seus olhos eram suaves e seu tom de voz enquanto ele falava era gentil com preocupação.



"Suave, Anyar, suave. Você torna mais difícil quando está tenso. Respire, meu pequeno. Respire superficialmente. Isso vai ajudar."

Ele segurava uma bebida aos lábios de Anyar e o homem mais jovem lutava para engolir passadas a dor e pânico. Quando ele terminou, ele cedeu de volta contra os travesseiros e fechou os olhos enquanto ele sentia a mão de Vanyae suavemente acariciando seu cabelo para trás.

Nunca tinha sentido tanta emoção de seu mestre e ele se deliciava com isso, seu pânico desaparecendo com a presença forte e as palavras suaves. Tudo o que ele tinha bebido gradualmente fez o seu trabalho e a dor diminuiu um pouco, o suficiente para ser suportável.

Abrindo os olhos novamente, ele encontrou a expressão cansada de Vanyae, querendo saber o que tinha acontecido. Ele lembrou vagamente o ataque e sua parte nele, mas parecia distante e irreal, como se ele tivesse sonhado tudo.

Seu mestre parecia entender suas perguntas silenciosas e ele sorriu um pouco. "Esta tudo bem, Anyar. Eu matei o atacante, graças a você. Eu não o teria visto a tempo." Ele se aproximou e deu um beijo nos lábios secos de Anyar. "Você me salvou, pequeno... Por quê?"

Anyar fitou-o por um momento, depois corou um pouco e virou a cabeça, incapaz de responder. Por que tinha feito uma coisa dessas? Fora de autopreservação? Se Vanyae tivesse morrido, ele teria, talvez, ganhado um mestre brutal... No entanto, a resposta parecia errada de alguma forma, como se uma razão mais profunda estivesse fora de alcance...



Vanyae acariciava sua bochecha com tanta ternura que Anyar não poderia ajudar a si mesmo. Ele se inclinou para o toque, precisando do conforto.

Seu mestre cuidadosamente deitou na cama com ele, movendo-se lentamente, de modo a não abalar suas feridas. Anyar suspirou, um som suave de aceitação, enquanto seu corpo finalmente relaxava. Os medicamentos iam em seu trabalho, ao que parecia, e a presença de Vanyae e calor de seu corpo terminavam o serviço.

Ele deslizou para o sono reparador, seus pensamentos desviados do por que a mera presença de seu mestre lhe trouxe consolo tal.



Cura foi um processo lento, doloroso e frustrante, de fato. Anyar foi forçado a praticar uma paciência que era bastante estranha à sua natureza e a inatividade pura a qual foi forçado a suportar quase o levou a loucura. Vanyae parecia entender isso e ele fez questão de fornecer muitas distrações. Ele levaria Anyar cuidadosamente para fora quando o tempo permitia, colocando-o na sombra ou, em dias de chuva, escolhendo uma área protegida onde eles poderiam assistir a umidade fugir das árvores e edifícios.

Anyar guardava esses momentos nos quais Vanyae era gentil, suave e cheio de bondade, parecendo realmente desejar passar mais tempo com o seu pequeno escravo. Eles falaram de muitas coisas e encontraram uma surpreendente gama de tópicos sobre os quais tinham opiniões semelhantes.



Seu mestre prometeu que quando Anyar estivesse melhor, ele o levaria para os estábulos para conhecer todos os seus cavalos, algo que Anyar aguardava ansiosamente também. Seu amor pelos cavalos foi obviamente compartilhado pelo príncipe e suas conversas sobre o assunto foram intensas e satisfatórias.

Nesses momentos eles pareciam menos como mestre e escravo e mais como... Amigos?

Anyar evitou até mesmo a mera sugestão de tais sentimentos. Ele era um escravo, não mais do que isso e até mesmo pensar em algo além do limite só poderia trazer tristeza.

Esta foi apenas uma breve exceção às regras. Vanyae sentiu uma obrigação. Foi certamente por isso que ele estava agindo de modo estranho e quando isso desaparecesse, eles estariam de volta à existência sem fundamento a qual Anyar havia sofrido desde sua captura.

Ele odiava a ideia, no que tentou desesperadamente aproveitar cada dia ao máximo, mantendo cada experiência e conversa perto dele, criptografando-os na memória para mais tarde, quando tudo estivesse vazio.

Ele encontrava-se quase solitário quando Vanyae não poderia estar lá e, pior ainda, sentia saudades do toque do príncipe. O que poderia haver de errado com ele que ele realmente quisesse o que ele sempre lutou contra?

Confusão governava seus pensamentos, de forma alguma ele poderia começar a entender a si mesmo e as emoções rebeldes que pareciam ter tomado o controle de si.



Sua crise se aprofundou quando ele ganhou a coragem de pedir a Vanyae os detalhes do ataque. Pequenas memórias estavam voltando para ele e ele precisava da verdade, embora uma parte dele se encolhesse do que seria revelado.

O atacante havia sido Melanian.

Anyar havia matado um dos de seu próprio povo por causa de um Nazarian, que o manteve contra a sua vontade, escravizou, segurando o Comandante Tanyan como garantia contra um ataque de Melan. De todas as maneiras, ele tinha feito um grande desserviço ao seu povo.

Ele tinha guardado um inimigo ao custo de um dos seus próprios.

A informação abalou a ele, trabalhando em sua consciência. Ele era um guarda de Melan. Mas o que ele tinha feito para trabalhar contra os Nazarians? Será que se ele continuasse a lutar, poderia encontrar uma maneira de libertar-se e, possivelmente, ao Comandante Tanyan? Não, ele tinha afundado na armadilha que Vanyae tinha preparado para ele, sua mente derrotada com o que ele tinha sofrido.

Mas cada vez que ele pensava na rebelião, o pensamento de violência e fuga, ele ia olhar para aqueles olhos verdes e sua determinação vacilava, sua força falhava.

Que grande poder exercia o príncipe que poderia derrotar Anyar sem esforço? O deixava abalado só em pensar nisso e talvez prejudicasse sua recuperação mais do que ele percebeu.

Vanyae tinha notado a introspecção preocupada de seu pequeno escravo e ele sabia que havia grande uma culpa na morte de seu compatriota. Mas apesar de todo o



interrogatório, o jovem não havia respondido a questão do por que. Por que havia salvado ao seu inimigo?

Esta questão atormentava muito Vanyae também. Ele nunca iria esquecer estar deitado no chão, olhando com horror atordoado como Anyar tomava os golpes destinados a ele, nunca deixando de colocar o seu corpo entre o atacante e seu mestre. Por quê?

O príncipe teria gostado de ter dito que os seus próprios comportamentos em relação a seu pequeno escravo eram de culpa e gratidão, mas eles pareciam mais do que isso, mais complexos.

Ele não podia suportar deixá-lo fora de sua vista e ele tinha guardas ao redor dele em todos os momentos em que ele foi forçado a abandoná-lo. As horas quando ele tinha pensado que o rapaz iria morrer... Ele estremeceu com a mera lembrança.

Aquela era uma sensação de desamparo e devastação que ele esperava nunca experimentar outra vez em sua vida.

O tempo que passavam juntos parecia precioso, algo que deveria ser reservado e valorizado. Nunca Vanyae poderia se lembrar de querer estar com alguém tanto assim, apreciando as coisas simples. Seus momentos de silêncio juntos, muitas vezes com Anyar no colo de Vanyae enquanto eles assistiam a chuva ou aproveitavam o calor do sol no jardim privado do príncipe, foram memoráveis. As conversas e, sim, até mesmo os argumentos eram algo pelo que ele olhava para frente, a mais do que deveria.

O que foi esse calor satisfeito em seu ser que só aconteceu quando viu Anyar voltar-se para vê-lo e sorrir?



Não fazia sentido.



As semanas se passaram devagar e a estação se transformou em uma queda, úmida e chuvosa, algo para o que Anyar não tinha nenhuma experiência. Melan era sempre seco e quente. Tal excesso de chuva foi uma maravilha para ele, uma bênção para quem viu tão pouca água vir do céu. Ele insistiu em ir para fora no jardim quando choveu mais forte, girando no local, asas abertas, rosto inclinado para cima e os olhos fechados enquanto ele desfrutava da generosa recompensa molhada.

Vanyae se inclinava na porta, braços cruzados, um leve sorriso em seu rosto enquanto ele observava o prazer do jovem. Neste dia, o seu interesse encontrado novo foco enquanto observava as roupas de Anyar absorverem a água, agarrando-se fielmente a cada linha e curva como elas faziam.

Lambeu os lábios e encontrou-se a se despir, sem tirar os olhos de sua presa.

Anyar adorava a sensação de água sobre seu corpo. Que lugar maravilhoso era este para ter esse luxo. A água era escassa e cuidadosamente usada em seu país e não havia chuveiros, apenas rápidos banhos públicos com uma polegada ou assim da água. Este era o mais puro céu.

Ele se virou para agradecer a seu mestre por deixá-lo sair, mas as palavras congelaram na garganta e ele sentiu o pulso acelerar ao vê-lo diante de si.



Nu e molhado, Vanyae veio em sua direção com o caminhar de um predador e os olhos que se tornavam escuros com a luxúria.

Anyar respirou fundo, incapaz de deixar de admirar o príncipe. Ele era tão bonito quanto qualquer estátua, amplos quadris, ombros estreitos, pele pálida como a mármore. Seu cabelo caía pelas costas, molhando a cor de ouro, linda e rica, suas asas gradualmente escurecendo com a umidade. A água lhe escorria pelo corpo, acariciando cada centímetro de músculo e osso e Anyar encontrou-se querendo para si um gosto.

Ele deu um passo à frente, olhando nos olhos de Vanyae para receber sua permissão antes de deslizar de joelhos e imediatamente chegar para o eixo, grande e bonito. Ele lambeu-o por um momento, uma mão apertando a coxa do príncipe quando Vanyae empurrou com a sensação, um baixo rosnando - gemido – sendo emitido de seus lábios. Pela primeira vez Anyar se sentiu orgulhoso de seu treinamento enquanto ele lambia e mordiscava o seu caminho até a carne dura, sentindo-a pulsar e empurrar em seus cuidados.

Ansioso pelo a doçura de dentro, ele mergulhou a língua na fenda e se amamentou por um momento, sentindo o seu mestre tremer, a respiração ficar difícil e irregular.

Ele deixou seus lábios circundarem a cabeça, a língua lambendo a carne tenra e de repente engolindo o comprimento quase a sua totalidade.

Vanyae deu um grito agudo, flexionando os quadris involuntariamente. Que o seu pequeno escravo estava fazendo isso por vontade própria, com entusiasmo, foi a coisa mais erótica que ele poderia imaginar e ele teve que lutar para não chegar naquele mesmo momento. Ainda não. Havia muito mais que ele queria fazer para o homem mais



jovem. Delicadamente, para não reabrir seus ferimentos em cura, mas deuses, ele não podia mais esperar!

Quando ele não aguentou mais, ele relutantemente puxou Anyar de seus joelhos até que ficasse contra ele. Com mãos trêmulas, de entusiasmo e antecipação, ele trabalhou para remover a roupa encharcada, revelando a pele dourada por baixo, tão diferente da sua própria palidez. Ele aproximou Anyar dele, arrebatando os lábios do outro homem em um beijo apaixonado, usando sua língua para degustar todas as nuances intimamente. Anyar colocou as mãos timidamente sobre os ombros do príncipe e então mais firmemente conforme as emoções e os sentidos assumiam, abafando pensamentos e medos.

A mão de Vanyae acariciou para baixo em direção as nádegas definidas, chegando a provocar a entrada do corpo de Anyar, sentindo o frescor da chuva contra o calor desse lugar secreto.

Ele trouxe os dedos para cima, apresentando-os ao seu pequeno escravo, que os levou em sua boca avidamente, molhando-os abundantemente.

Os dedos lisos, em seguida, deslizaram facilmente no calor e maciez do corpo de Anyar e ele arquejou na dor/prazer, um grito sufocado escapando para dentro da boca agora coberta pela de seu mestre.

Vanyae bebeu no som, gemendo na sensação de Anyar contorcendo-se contra ele, o aperto de seu portal e o conhecimento de que em breve ele estaria dentro desse calor, possuindo, recuperando o que era dele.



Ele quebrou o beijo relutantemente, sorrindo um pouco quando ele tirou os dedos livres e Anyar protestou com um gemido de necessidade. Puxando o menor homem depois dele, ele se aproximou de um banco de mármore cercado pela suavidade da grama. Aqui, ele colocou Anyar de joelhos, debruçado sobre a frieza da pedra, os dedos do jovem segurando as bordas ornamentadas em preparação para a força de seu mestre. Suas negras asas espalhadas sobre o mármore branco e Vanyae acariciou-as, se inclinando para beijar as penas.

Mas aqui Vanyae rompeu com a tradição. Quando ele se ajoelhou por detrás de Anyar, ele tirou um tempo só beijando e acariciando o corpo molhado ante ele, trazendo o seu pequeno escravo a um passo da febre de necessidade. Cada toque era uma afirmação de que Anyar estava vivo, que ele era de Vanyae.

"Por favor..." choramingou o homem mais jovem. "Por favor... Eu preciso..."

Vanyae colocou um beijo na nuca de Anyar e fixou ali, enquanto seu eixo pressionava contra o botão de rosa que guardava a entrada para o corpo de seu escravo e em seguida esticou-o por completo quando sua circunferência empurrou para dentro.

Anyar respirou dolorido e então expirou em um suspiro de prazer conforme o eixo de seu mestre deslizava no local prazer de seu corpo. Ele empurrou para trás, espetando-se mais, gemendo conforme Vanyae ia mais forte, segurando-o, dominando-o na mais sensual das maneiras. Ele se sentiu dominado, possuído, cuidado, quase ama...

Ele se desfez rapidamente do pensamento, não ousando ir ainda mais nisso.

Vanyae liberou sua mordida, lambendo suavemente sobre as marcas profundas e em seguida recostou-se de joelhos vendo seu eixo desaparecer na entrada esticada até as



bolas e sentia o calor de Anyar contra ele. Com lentidão torturante, ele retirou o seu eixo, quente, úmido e vermelho com avidez conforme apareceu. Ele estremeceu com a visão e as sensações, em seguida, empurrou de volta, dolorosamente devagar, inclinándose um pouco para frente e criando um ritmo preguiçoso que iria fazer isso durar tanto tempo quanto possível.

Anyar se contorcia em seu empalamento, ofegante. O príncipe controlava suas estocadas de forma que apenas uma em cada três atingia sua próstata, o que fez o choque ser muito maior. O corpo do homem menor balançou com a sensação, com a necessidade. Suas bolas estavam apertadas e quentes, tão perto de vir, mas nunca era o bastante para deixa-lo chegar. Era prazer perto de dor tamanha a sua intensidade e o conhecimento de que ele não tinha nada a dizer quando a ele, que seu mestre decidiria quando ele viria, fazia desse momento incrivelmente erótico.

Todos os seus medos e dúvidas, todas as suas incertezas, pareciam distante neste momento. Havia apenas Vanyae e as coisas que ele estava fazendo com ele. As incríveis, as coisas maravilhosas que ele estava fazendo com ele. A chuva que caía parecia purificar o que estavam fazendo, torná-lo especial, uma experiência maior do que eles mesmos.

Anyar podia sentir a umidade correndo sobre sua pele, fresca e suave, forte, em contraste com o calor dentro de si e do fogo que parecia irradiar do órgão de Vanyae conforme ele empurrou mais e mais. Ele arqueou para aumentar a penetração, gemendo junto aos impulsos calculados, apenas gradualmente percebendo que os sons eram o nome de Vanyae. O vago pensamento de que poderia ser punido por tal familiaridade veio, mas naquele momento ele não podia realmente se importar.



Ele empurrou-se em direção a lança de carne dentro dele e Vanyae grunhiu com a sensação, começando a acelerar, os quadris bombeando seu eixo mais forte em seu escravo disposto.

O cheiro da chuva era fresco nas narinas Vanyae, a sensação de que seu corpo escorria vapor dando um fundo erótico para seu acoplamento. Ele pensou vagamente que jamais seria capaz de pensar ou ver a chuva de uma maneira tão inocente quanto antes enquanto ele se abaixou e correu sua mão ao eixo de Anyar, bombeando-o com golpes firmes, duros.

Ele viu Anyar pressionar sua cabeça para trás, um grito silencioso em seus lábios, mesmo quando Vanyae sentiu o corpo quente pressionar-se ao seu redor. Sementes quentes correram sobre a ponta de seus dedos, em seguida, ele soltou o agarre sobre os quadris finos.

Resmungando com a necessidade, ele empurrou profundamente, soltando fortes baforadas de ar diante de seus olhos fechados apertados, enquanto a quase dor de seu poderoso orgasmo pulsava através dele.

Eles desabaram na grama encharcada, atordoados e exaustos. Anyar virou-se e Vanyae o acolheu junto ao peito, um questionamento preocupado em seus olhos.

Anyar conseguiu acenar com a cabeça que ele estava bem, então deitou sua cabeça sobre seu mestre e desejou que o momento nunca acabasse, que nunca tivesse que voltar ao que era antes.

Ele teria se surpreendido ao saber que os pensamentos de Vanyae refletiam os seus próprios.



## CAPÍTULO OITO

Anyar nunca tinha visto neve antes. Fascinava-o imensamente, embora o frio parecesse perfurar seu quente corpo treinado. Vanyae alcovitava seu interesse e neste dia ele levou-o para andar a cavalo pela primeira vez desde seu peito havia se curado. Mesmo agora, ele manteve o cuidado com a saúde do jovem, observando sinais de desconforto.

Seus cuidados e mimos, especialmente na frente dos outros, traziam uma vermelhidão ao rosto de Anyar. Ele não estava acostumado com essas coisas e aqueciam seu coração muito mais do que expressões materiais poderiam ter.

Embrulhado firmemente contra o frio, Anyar queria cantar com alegria, seus olhos brilhando com tudo o que ele sentia. O dia estava fresco, sua respiração flutuava no ar e a geada revestia tudo a sua volta, emprestando um ar mágico para os seus arredores.

A égua que ele montou foi uma alegria, com um casaco de inverno de pelo preto e macio, uma faixa branca e quatro meias brancas. Sua boca era macia e sensível e ele a tratou como a princesa que ela era. Ela dançava debaixo dele como se pega no seu humor e ele olhou para Vanyae em seu garanhão maior castanho, incapaz de conter o sorriso.

O príncipe sorriu de volta e então deixou seu garanhão se conduzir. Com um grito Anyar o seguiu e o sol brilhando na neve fazia com que os cascos dos cavalos produzissem brilhantes arco-íris.



Eles correram por pura emoção e a égua deu ao garanhão um grande desafio com os pés ágeis e maior leveza do corpo. Estavam cabeça com cabeça quando finalmente os puxaram para parar, não querendo aquecer muito os cavalos no frio.

Vanyae se inclinou e capturou um beijo de Anyar, os dedos enluvados suaves em seu queixo. Ele recuou com relutância, o polegar traçando levemente sobre os lábios inchados.

Anyar sorriu para ele, um pouco corado do frio e da atenção do seu mestre.

Vanyae sentiu algo quente dentro dele naquele sorriso e percebeu que não podia mais ver Anyar como um escravo. Ele era uma pessoa, um homem, um amante.

Ele não poderia deixá-lo ir, mas se Anyar já não fosse mais um escravo como poderia Vanyae garantir que o jovem iria ficar com ele?

A ligeira carranca que mantinha sua testa enrugada desapareceu.

Eles tinham tempo. Ele iria mostrar a Anyar que não havia um lugar diferente que ao seu lado para estar.



Anyar olhava pela janela, pensativo, acompanhando os grossos flocos de neve caírem silenciosamente. A tempestade havia chego há três dias e eles tinham sido confinados ao palácio, que fez as pessoas mais agitadas e irritadiças. Ele fez questão de ficar de fora de seu caminho, sem saber qual a sua posição aqui.



Outros também pareciam ter esse problema. As ações de Vanyae pareciam indicar que Anyar era mais do que um escravo, mas...

A incerteza deixou todo mundo inseguro sobre como tratá-lo e Vanyae parecia permanecer indiferente da posição frágil na qual suas ações colocavam seu mais novo amor.

Anyar não era um Nazarian, não era um deles e ele tinha feito o que nenhum outro havia conseguido: conquistar o coração do príncipe.

Não que Anyar tenha percebido isso. Pelo contrário, ele acreditava que Vanyae ainda viria a seus sentidos e as coisas voltariam a ser como eram antes.



O conforto dos estábulos cercava os dois enquanto estavam nas baias de seus respectivos cavalos, preparando-os com brilhante contentamento. Anyar cantava para a égua, lisonjeando-a e dizendo-lhe como era grande a sua beleza. Ela envaidecia-se como a realeza que era e Vanyae riu enquanto os observava. Seu próprio garanhão inclinou-se na preparação com pequenos grunhidos de prazer, de cabeça baixa. Estava quente aqui, o som da tempestade continua abafado.

Anyar limpou as escovas com cuidado e ofegou quando de repente foi puxado para fora de seu equilíbrio, para fora da baía e posto em uma pilha conveniente de feno.

Olhou para Vanyae por um momento e então não pode deixar de rir da expressão maliciosa no rosto do príncipe.



"Acho que este é um lugar perfeito em um dia frio," Vanyae retumbou quando ele se inclinou e capturou os lábios de Anyar em um beijo longo e apaixonado, segurando as mãos do jovem sobre sua cabeça.

Em seguida, ele se agradou ao remover lentamente cada peça de roupa, beijando cada centímetro de pele exposta. Anyar se contorceu, tendo cócegas na barriga e nos flancos, mas o príncipe segurou-o firmemente, não permitindo escape.

Vanyae fez uma pausa para tirar a própria roupa com pressa e então deslizou mais baixo, engolindo o eixo de Anyar com lábios ávidos.

O homem mais jovem arqueou, gemendo com olhos bem fechados, se libertou da frouxa aderência de Vanyae para que pudesse afundar os dedos nos macios cabelos de seu mestre. Ele acariciou-os, amando a sensação deles em sua pele. Seus dedos enrolados, suas bolas apertadas e então o príncipe parou, deixando Anyar estremecendo com a necessidade de vir.

Dedos molhados deslizaram para Anyar e ele empurrou para eles enquanto pedia com voz rouca por alívio e choramingava com prazer quando algo maior fez sua presença conhecida.

Ele passou os braços em torno de Vanyae, beijando seu pescoço, sussurrando o nome dele enquanto se contorcia. O príncipe levantou as pernas de Anyar, colocando-as sobre os braços para mudar o ângulo e o homem menor gritou, implorando, quase chorando com as sensações que o atingiram.

"Por favor, por favor..." Sua voz estava embargada e alta.



Vanyae inclinou-se perto para beijá-lo, roubando sua própria respiração.

"Vem, meu pequeno amor. Venha para mim."

Anyar não poderia fazer mais nada, quando o significado de uma palavra o golpeou duramente.



Anyar assistiu Vanyae praticando com alguns de seus homens. Era bom estar de volta em exercícios marciais, mas ele tinha um longo caminho a percorrer para construir a sua resistência novamente.

Ele manteve os olhos sobre o príncipe e admirava a sua maneira, sua fluidez ao lutar. Eles tinham lutado juntos antes, mas Anyar não podia manter o ritmo e teve que se sentar para descansar, muito para seu desgosto.

Ele franziu a testa, mordendo o lábio nervosamente. Vanyae não havia repetido aquela palavra terrível, agradeças aos deuses, e Anyar poderia tentar fingir que nunca tinha acontecido.

O príncipe não poderia amá-lo. Ele era um prisioneiro, o inimigo, Vanyae tinha que estar brincando, cruelmente, e mesmo assim ele parecia sincero, suas ações, cada palavra sua, seu toque.

Anyar respirou estremeando e olhou para os punhos cerrados.



Ele tinha que sair antes que os sentimentos viventes em seu coração o prendessem ali certamente mais do que qualquer corrente poderia.



Demorou vários dias para que ele aprendesse onde o Comandante Tanyan estava sendo mantido. Ele já havia tentado várias vezes obter que Vanyae o leva-se para ver seu compatriota, mas o príncipe recusou e a possessividade em seus olhos apontavam para a razão.

Então Anyar reuniu todas as informações que pôde das perguntas casuais entre a equipe e conversas que podia ouvir. Parecia que a Tanyan foi dada rédea livre no palácio, mas não tinha permissão para sair sem ser sob guarda. Anyar só poderia se perguntar por que eles nunca tinham se visto durante suas próprias excursões. Estariam sendo mantidos separados?

Ele pensou nas respostas de Vanyae e só podia responder que *sim*.

Naquela noite, ele ficou acordado depois que ele e Vanyae tinham se unido, seus pensamentos à solta. O príncipe estava em seu estômago dormindo ao lado de Anyar, um leve sorriso nos lábios.

Anyar levantou a mão como se quisesse tocá-lo, mas então rangeu os dentes e, silenciosamente, deixou a cama. Vestiu-se rápida e silenciosamente. Foi fácil o suficiente encontrar laços de couro entre as coisas de Vanyae e Anyar lenta e suavemente inclinou os braços do príncipe para trás e os amarrou. E então a seus pés.



Vanyae murmurou, mas ele era um dorminhoco sonoro, como Anyar bem sabia, e ele logo estava tranquilo novamente.

Com o coração na garganta, Anyar tomou um pano de seda e começou a trabalhá-lo entre os lábios do príncipe.

Tendo o sono pesado ou não, isso era demais. Vanyae sacudiu acordado e Anyar teve de rapidamente encher com o pano sua boca e amarra-lo firmemente por trás de sua cabeça.

O príncipe se esforçou para virar, para enfrentar o seu agressor e em seu atordoar pós-sono seus olhos se arregalaram quando viu Anyar. A descrença não demorou a ser substituída na face de Vanyae pela fúria e ele lutava freneticamente por longos momentos.

Anyar sentiu-se mal enquanto ele olhava e via Vanyae de repente parar e olhar para ele com uma expressão de completa traição, não sendo capaz de disfarçar a dor que havia embaixo.

O jovem Melanian estendeu a mão com dedos trêmulos, desejando consolá-lo mesmo assim, mas o príncipe recuou como se fosse o toque de uma víbora.

Os dedos de Anyar se curvaram em sua mão quando seu coração sofreu um espasmo e neste momento de dor ele queria simplesmente libertar seu mestre... Explicar-lhe e as coisas voltariam a ser para eles como tinham sido.

Ele fechou os olhos contra as lágrimas que queriam se formar. *Não* havia como voltar atrás. As emoções que Vanyae tinha oferecido eram uma farsa, uma ilusão que seria



levada de volta e deixaria Anyar com nada, nada além de todas as memórias, mas oco e com o coração despedaçado.

Desta forma, ele teria o conhecimento de que pelo menos ele tinha feito algo para corrigir o erro que havia sido feito ao seu povo. Para liberar seu comandante, a quem ocupava sua primeira lealdade.

Ele engoliu a bile. Se apenas o seu coração não balançasse para Vanyae, não gritasse com ele para esquecer o dever, esquecer o sangue, se esquecer de tudo, exceto de como ele se sentia sobre o príncipe. Certamente...

Ele respirou fundo e lutou contra as lágrimas, firmando o queixo enquanto encontrava os olhos frios de Vanyae.

"Eu sinto muito... Vanyae." Ele saboreou o som do nome em sua língua nesse último momento. "Eu não posso ficar. Eu amo-eu quero... Mas você vai voltar ao que era, me usar, e eu não sou forte o suficiente para isso. Não depois de ter me tratado tão gentilmente, me mostrado outra coisa. Se isso me fosse tirado, eu não poderia sobreviver. Você certamente iria me destruir mais desta forma do que se você tivesse tomado as minhas asas. E talvez um dia você tivesse mesmo feito isso ou me vendido ou..." Ele balançou a cabeça, sentindo uma grande frieza espalhar-se através de seu próprio ser. "Você nunca me deu a minha liberdade de volta, você nunca me deu um nome que não seja o de escravo. Eu não posso confiar."

Cortou-se então, se perguntando por que ele estava mesmo tentando explicar. Não houve entendimento brilhando no olhar do príncipe, apenas uma amargura e raiva por estar em uma posição de impotência.



Anyar deu um sorriso triste de onde ele estava.

"Agora você sabe como se sente," ele sussurrou suavemente. Ele não enfrentou o seu captor de novo, mas encontrou as armas das quais precisava em vários pontos ao redor da sala. Ele as prendeu ao cinto com mãos que tremiam levemente. Ele parou na porta, lutando contra o desejo de voltar e então deslizou silenciosamente através e para a escuridão do corredor e fechou a porta tão suavemente quanto possível em sua vigília.



Não foi até o amanhecer que Vanyae foi descoberto e liberado. A fúria expressa em seu rosto foi jogada com entusiasmo em cada um que cruzou seu caminho enquanto ele caminhava para uma reunião com seu pai.

Tanyan tinha ido embora, foi descoberto que os cavalos foram roubados e Vanyae, flexionando os dedos sobre o punho da sua espada, rangeu os dentes com a notícia.

O comandante e seu companheiro... Teriam um bom avanço em cavalos velozes.

Veslan olhou-o quando seu filho entrou e ele acenou com os outros conselheiros da sala.

Vanyae foi a um joelho ante seu pai, um grande sentimento de fracasso agarrando-o.

"Isto é minha culpa, pai. Se eu não tivesse sido tão egoísta a ponto de tomar Anyar em primeiro lugar..."



Veslan pôs a mão amorosa nos cabelos dourados de Vanyae e lentamente segurou seu queixo, fazendo-o olhar para cima.

"Eu vi um homem diferente emergir da casca dura que você tinha se tornado, meu filho. Eu vi você cair no amor e na compaixão. Nisso, você tem mostrado a outros essa mesma compaixão. Através de seus olhos e do que você fez, você fez um velho como eu pensar em mudanças."

Ele sentou-se, em seguida, olhando de repente mais cansado do que seus anos. "Através de todos estes anos, temos estado em guerra com Melan. Meu pai e meu avô paterno tinha as mesmas provações. Eu não acho que a maneira como as coisas têm estado pode mais ser tida como razoável. Nós odiamos os Melanians, eles odeiam os Nazarians. Não pode haver paz de verdade?"

Vanyae olhou para ele, então, preocupado com o esgotamento neste homem indomável e colocou a mão no joelho de seu pai. Nunca tinha visto o rei tão desgastado, tão desanimado.

"Eu sinto muito, pai. Eu dei-lhe dor com minhas ações e agora..."

"Agora eles vão fazer a guerra. Eles não vão deixar isso pra lá. Nós não teremos escolha a não ser enfrentá-los se eles vierem em nossas fronteiras." Veslan deu um sorriso triste. "Haverá uma guerra e eu não fiz nada melhor do que meus ancestrais em manter o meu país seguro."

"Não podemos tratar com eles, Pai?" Vanyae questionou hesitante.



"Eles vão ter a raiva ao seu lado agora, atrocidades frescas para abastecer o seu ódio. Eles não vão conversar."

"Eu sou a quem eles vão culpar. Se eu me entregar a eles..."

Veslan sentou-se abruptamente, com o rosto branco, uma mão agarrando o braço de seu filho.

"Você não vai fazer tal coisa."

"Se ela impede a guerra..." Vanyae sentiu o desespero levantar-se para inundar seus pensamentos. Anyar tinha ido embora. Talvez, se ele se entregasse à Tanyan, seu amante iria perceber o quanto ele precisava dele... O quanto ele... O amava. Ele fechou os olhos por alguns instantes. Ele amava Anyar. Ele realmente o fazia. Seu pai estava certo.

"Nós nos tornamos uma nação de guerra, nós colhemos o que semeamos. Os Melanians torturam o nosso povo como prisioneiros, como nós torturamos o deles. Talvez se tivéssemos sido mais gentis..." Veslan balançou a cabeça.

"Tudo o que poderia ter sido se foi agora. É tarde demais."

Vanyae inclinando a cabeça, concordando.

Era tarde demais.





Tendo montado duro durante a noite, quando não era seguro para voar, Tanyan pediu uma parada uma vez que o sol nasceu. Agora que os Nazarians viriam em sua busca, agora era a hora deles voarem. Era a sua única esperança.

Ele olhou para o seu companheiro em silêncio, preocupado. Anyar não tinha falado uma única vez depois de resgatá-lo, seu rosto frio e branco como Tanyan nunca tinha visto.

Ele sabia que o menino deveria ter sofrido horrores, horrores que ele poderia adivinhar, lembrando a atração que Vanyae demonstrava ter para com o jovem guarda. Ele não tem coragem de pedir mais detalhes.

Ele desmontou e deixou o cavalo solto, em seguida, assistiu como Anyar fazia o mesmo. Só então deu um passo à frente e colocou uma mão possessiva na bochecha do jovem.

"Anyar," ele sussurrou.

Olhos em branco se voltaram para ele, não havia dúvida neles, só obediência.

O comandante inclinou-se lentamente, dando tempo para o menino recuar se quisesse e colocou um beijo suave nos lábios tentadores do Anyar.

Por um momento, pensou que uma resposta estava em suas mãos e então Anyar virou, quebrando o abraço, uma dor insuportável em seus olhos.

Tanyan olhou para ele em silêncio por longos minutos, em seguida, acenou para seus próprios pensamentos.



"Você pode voar, meu rapaz?"

Anyar puxou uma respiração profunda, instável. "Eu posso tentar, senhor. Cortaram minhas penas de voo, mas depois de quase um ano, elas podem estar quase boas o suficiente."

Espalhando suas enormes asas negras, ele bateu experimentalmente, um sentimento de cortante alegria surgiu mesmo em face a dor em seu coração quando sentiu o elevar mais uma vez. Ele saltou e, subindo no ar, teve vontade de chorar com a sensação de liberdade que ele tanto desejava.

Ele não era tão forte como ele costumava ser, seus músculos estavam rígidos com a falta de uso, mas ele estava voando. Oh deuses, ele estava realmente voando.

Tanyan se juntou a ele, dando-lhe um sorriso de encorajamento, e foi em direção a Melan com toda a velocidade que ele podia.

Anyar olhou para trás uma vez, com lágrimas nos olhos, então ele firmou o queixo e o olhar para frente, seguindo Tanyan de volta para casa.



Eles chegaram à fronteira mais lentamente do que Tanyan teria gostado, mas ele não quis deixar seu jovem guarda por trás e Anyar foi vacilante. Sua falta de tônus muscular e penas menores que o normal para o voo prejudicaram-no e embora ele seguisse em frente com bravura, Tanyan podia ver que ele estava à beira de um colapso.



Eles desembarcaram no lado Melanian, perto de uma fortaleza de fronteira.

Ao avistá-los, os guardas Melanian se aproximaram com cautela, bestas na mão. Mas, ao identificar os recém-chegados, ficaram chocados e alegraram-se ao descobrir que seu comandante havia retornado a eles.

Houve muita celebração, enquanto ele e seu jovem companheiro foram conduzidos dentro dos protegidos muros, em segurança afinal.

Eles festejaram a noite e Tanyan sentiu as tensões e medos do ano passado começaram a desaparecer com o seu próprio povo rodeando-o. Não que ele tivesse sido maltratado de alguma forma, mas a preocupação com o futuro e o que isso significaria para o seu povo o havia desgastado. Sem mencionar que ele tinha poucas liberdades e não tinha sido capaz de convencer seus captores a permitir-lhe o acesso a Anyar. Ele não tinha visto nem ouvido falar do jovem guarda em todo o seu tempo lá, o que tinha sido uma grande preocupação para ele.

Ele olhou para o rapaz sentado ao lado dele em um lugar de honra.

O rosto de Anyar estava pálido e, embora ele sorrisse quando as pessoas falavam com ele e tentasse parecer feliz, Tanyan notou que havia apenas dor em seus olhos, um cansaço grande curvando seus ombros.

Este não era um homem feliz, não era alguém que estava alegre em escapar.

O que aconteceu em Nazar? Que horrores ele mantinha em sua mente?

Ele desejava saber como ajudar, mas talvez com o tempo Anyar se abrisse com ele novamente. Talvez eles pudessem continuar o que havia sido brutalmente rompido



quando foram capturados juntos. Ele tinha apenas que dar tempo ao menino e espaço para curar e ele iria ajudá-lo de qualquer maneira necessária.

Ele se voltou para o vinho e conversa e levou algum tempo antes que percebesse que Anyar tinha deixado à mesa e estava longe de ser visto.

Anyar sentou-se no grande muro de pedra, longe dos guardas em festa. A partir desta altura ele podia ver agora ao longo da fronteira, em direção a Nazar. Ele se perguntou com uma espécie de sombrio desespero o que estava errado com ele. Ele não estava ansioso para voltar para sua casa em Cewa, ele não estava ansioso para nada. Havia apenas uma solidão e desespero que pareciam fazer tudo irrelevante, inútil. O que estava errado com ele que ele não poderia tirar Vanyae de sua mente? Depois de todas as maldades feitas contra ele, ele deveria sentir uma grande alegria em ser livre, de ser o seu próprio homem de novo, e ainda não...

Não havia nada além de frio e dor em seu coração.



Profunda exaustão física e mental levou Anyar a dormir até tarde na manhã e assim ele nada sabia sobre os acontecimentos de fora até que Tanyan bateu e entrou no pequeno quarto atribuído ao jovem guarda.

Anyar inclinou-se sobre um cotovelo, tentando recuperar bom senso o suficiente para entender o que o comandante estava lhe dizendo.



As forças Melanian se reuniram e em dois dias, portanto, seria possível vê-los cruzar para Nazar.

Príncipe Vanyae e suas forças haviam sido avistados na fronteira não muito longe da fortaleza.

*Haveria guerra.*

Anyar só podia olhar para seu comandante com os olhos perplexos.

"Mas por quê?" Ele conseguiu dizer finalmente, completamente confuso. "Eles disseram que queriam o fim das hostilidades. Por que iríamos tão longe?"

Tanyan ficou em silêncio por longos momentos e viu os olhos do jovem em busca de pistas. O que ele viu ali fez seus lábios finos e seu punho apertar.

"Isto é pessoal para todos nós, Anyar. Nós tivemos o suficiente das ameaças dos Nazarian. Vanyae se recusa a ceder terreno. Ele diz que ele vai nos encontrar face a face, se necessário, mas ele não vai permitir-nos entrar em Nazar." Ele fez uma pausa, em seguida, uma dica de certa inveja cruzou seus olhos. "Eu vi a cara dele quando ele fez seu discurso. Ele quer você de volta."

Anyar corou ligeiramente e desviou o olhar. "Ele sente falta de seu escravo, isso é tudo." A amargura em seu tom abalou até mesmo ele.

Tanyan considerou as palavras, seus olhos nunca deixando o rosto do jovem guarda.



"Você não está feliz, Anyar. Você não parece satisfeito com a sua própria fuga. Tenho a impressão de que você fez isso mais para mim do que para si mesmo. Você tem sentimentos por este homem?"

O rubor se aprofundou e Anyar não conseguia olhar para seu companheiro.

"Ele foi gentil comigo, em sua própria maneira."

Tanyan permaneceu em silêncio, ouvindo.

"Mas ele também era cruel." A confusão e desespero na voz do jovem rasgou a Tanyan.

Ele colocou a mão suavemente no braço tremer. "Eu não vou lhe dar de volta a ele, Anyar. Você está seguro aqui. Com o tempo você vai se curar, esquecê-lo. Os homens olham para você como um símbolo do que Nazar é, a crueldade que eles dão."

Anyar olhou para ele, uma grande descrença presente em sua expressão. "Eu não vou ser a causa da guerra, senhor. Eu não valho isso."

"Você vale a pena isso e muito mais, meu rapaz. O exército precisa de algo assim para agitá-los, prepará-los para atacar."

"Mas Nazar não fez nada durante o tempo que ficamos presos. Certamente, se eles queriam a guerra..."

Tanyan bufou. "Eles provavelmente estavam apenas recuperando seus números militares. Eles vão retomar as hostilidades e você vai ver, meu rapaz. Eles vão sofrer por aquilo que fizeram com você, especialmente o príncipe."



"Mas, senhor..."

O comandante inclinou-se e colocou os lábios sobre os do homem mais jovem, beijando-o cuidadosamente antes de relutantemente inclinar-se para trás.

Anyar parecia atordoado e Tanyan sorriu e acariciou sua bochecha. "Você é minha responsabilidade agora, Anyar. Eu vou cuidar de você. Você vai ver. Descanse agora, você precisa de mais sono. Eu vou cuidar disso, você não precisa se preocupar." Ele se endireitou, com um sorriso e então saiu da sala com um último olhar persistente, fechando a porta suavemente em seu rastro.

Anyar colocou os dedos apertando seus lábios.

Por que o beijo Tanyan não tem feito nada para ele? Sem a pressa da paixão, o desejo de estar mais perto de outro homem, nada. Onde estava a necessidade e o desejo presentes há um ano?

A resposta era óbvia, embora ele desejasse fervorosamente para que fosse o contrário.

Alguém conquistou seu coração.



A tensão aumentou na fortaleza ao longo dos próximos dois dias e Anyar sentiu o peso da culpa vindo sobre ele, enquanto observava os rostos sombrios dos soldados, muitos deles olhando para ele de soslaio quando que ele passou. Ele não sabia se eles



estavam culpando-o ou vendo-o como um mártir, mas seu próprio coração rejeitava tudo.

Essa guerra não precisava acontecer por causa de um homem. Ele não concorda com a avaliação de Tanyan da situação. Os Nazarians não atacaram qualquer território Melanian durante a trégua forçada. Eles teriam a vantagem com o comandante Melan sob seu polegar, mas tudo o que tinham feito era impor a paz.

Anyar não queria ser a causa de que a paz acabasse.

Mas ele não podia suportar a ideia de voltar à escravidão. A humilhação e a dor de seu tempo com Vanyae foram gravadas profundamente na sua mente e coração e ainda...

Mesmo que por um tempo curto, tinha havido algo mais, algo especial... Entre eles. Algo mais. Quase amigos, amantes, companheiros. Se ele só queria que pudesse ser assim para sempre. Se ele soubesse que podia ser verdade, que era possível, ele voltaria em um momento, para nunca mais sair do lado de Vanyae.

Mas isso foi só um desejo tolo, uma fantasia.

Voltar só destruiria as ilusões totalmente quando seu mestre o punisse por sua fuga.

Não poderia haver volta ao que era e, naquele momento, ele podia ver nenhum futuro, certamente nenhum com Tanyan, que ele só poderia machucar.





Dois dias depois Tanyan cavalgou com seu exército a sua volta para enfrentar os Nazarians. A tensão era elevada em ambos os lados, mas especialmente entre Tanyan e Vanyae, que estavam sentados olhando um para o outro em silêncio frio por longos momentos antes de qualquer um que se dignam a falar.

Foi Tanyan que finalmente quebrou o silêncio.

"Você vai ceder? Caso contrário, haverá batalha."

Vanyae deu um sorriso triste. "Eu não vou entregar meu país a você." Ele fez uma pausa, afundando a sua voz para um tom mais suave. "Não faça isso. Não pode haver paz entre nossos povos de meia chance. Não perca vidas para tão pouco ganho."

"Você mesmo fez isso. Você e suas ações." A voz Tanyan não mantinha nada além de ódio.

"Se eu me entregasse para você, se entregasse a mim mesmo, será que você deixaria este ataque?" A voz de Vanyae era cansada e sem tom. "Dar-lhe-ia a vingança que você procura? Será que curaria Anyar?"

Tanyan recostou-se na sela, atordoado com a oferta.

Isso não era nada que ele esperava.

Ele olhou nos olhos do outro homem e viu apenas a verdade. Naquele momento ele soube que o príncipe amava Anyar. Era por isso que o menino estava triste. Os olhos Tanyan endureceram e ele apertou sua mão sobre o punho da sua espada.

Anyar era *dele*. Tinha sido seu desde o início.



Esse inimigo não tinha parte disso.

"Se você se entregar, vou cancelar a batalha. Haverá trégua." Ele sentiu a vontade dentro de si, a necessidade de eliminar o rival, esta concretização de tudo o que ele odiava de Nazar.

Vanyae balançou a cabeça, só isso, e, apesar dos pedidos de seus homens para reconsiderar, desmontou.

Vanyae ordenou-os a ficarem em silêncio, em seguida, tirou pedaço por pedaço de armadura até que ficou desprotegido diante do seu carrasco.

Sem relutância perceptível, ele veio ante Tanyan e, lentamente, se ajoelhou no chão, com o pescoço curvado de orgulhosa, esperando o beijo da espada.

Tanyan desmontou, tirando sua lâmina, os olhos brilhando com fervor.

Foi então que ouviram o grito fraco. Reconhecendo a voz do jovem, tanto Vanyae quanto Tanyan viraram-se, assistindo em confusão e preocupação uma figura voar da fortaleza, negras asas crescendo no céu da manhã.

Anyar viera ante eles, tropeçando em sua aterrissagem, os olhos incrédulos na cena a sua frente e suas implicações óbvias.

"Como você poderia..." Ele respirava, olhando para Tanyan incrédulo. "Pensei que era um líder, não um assassino. É só isso que vai acontecer? Nós os matamos, eles nos matam?" Seus olhos varreram todos os homens ante ele, desembarcando na figura ajoelhada de Vanyae. "Não pode haver mais do que isso?"



O príncipe e ele se olharam por longos momentos e as lágrimas se levantaram aos olhos do homem mais jovem, antes que ele se voltasse ao seu mentor.

"Nunca haverá paz até que alguém tenha a coragem de avançar e assim fazê-la. Este homem oferece-se para parar o derramamento de sangue, mas você vai perpetuá-lo."

Tanyan deu um passo em direção a ele, a dor em sua expressão enquanto o jovem guarda se afastava. "Eu faço isso para você, Anyar."

"Eu não vou ser a causa da morte! Qualquer morte! Esta não será em meu nome!" A voz de Anyar quebrou. "Você não faz nada disso para mim, você o faz por si mesmo."

Ele recuou um passo, dor selvagem brilhando em seus olhos. "Não serei uma parte disto. Você *não* vai me usar, ninguém nunca vai me usar de novo!"

Abrindo suas asas ele alçou voo...

Anyar se mantinha voando para cima, suas enormes e rápidas asas determinadas... E de repente Vanyae sabia.

Vanyae deu um som agudo, quase um grito de negação, em seguida, levantou-se e escancarou suas próprias asas, lançando-se para o ar em perseguição.

Tanyan só podia ficar lá, chocada. Mais uma vez o olhar no rosto de seu inimigo tinha dito tudo. O príncipe soubesse ou não ele amava o menino com tudo o que era.

Tanyan sabia, então, conforme se lembrou do comportamento Anyar desde sua fuga, que o menino sentia o mesmo.

E agora...



# Asas

J C Owens

Ele fez sinal aos seus homens para acompanhá-lo quando ele se alçou no ar. Ele agora sabia o que estava fazendo Anyar, mas não conseguiu detê-lo. Ele só podia olhar e esperar o que só podia ser um desfecho trágico.

Anyar sentiu sua respiração se tornando áspera com esforço, mas ele foi superior. Estava indo mais alto do que nunca e ele sabia agora por que seus instrutores lhes deram tais advertências rigorosas. O ar ficou fino, seus sentidos começam a nadar. Ainda assim, ele se esforçou, olhos nas nuvens, tão perto que parecia que ele podia tocar...

Ele hesitou um pouco, pensou ter ouvido um grito fraco de baixo, mas manteve sua atenção sobre seu destino, o seu propósito. Ele estava tranquilo aqui, onde havia apenas a sua respiração, a lufada de ar passando em seus ouvidos e a batida rítmica de suas poderosas asas. Seu coração batia forte no peito, o ar que seus pulmões procuravam vinha cada vez mais escasso.

Esta era a resposta. Este era o caminho para fora de tudo. Se ele tirasse a própria vida, então ele não poderia ser usado. Não por Vanyae, não por Tanyan. Ninguém poderia dizer que ele era a causa de uma guerra. Ele não teria que fazer uma escolha entre seu povo e o homem que amava.

Uma lágrima riscou seu rosto quando o pensamento tomou forma, um pensamento que não podia mais negar.

Ele amava Vanyae. Estupidamente, incredivelmente, completamente. Não fazia sentido e ainda assim ele simplesmente era. Não havia nenhum futuro nele, não havia qualquer esperança. Ele não poderia ir para casa, não poderia voltar para o lugar que seu coração tanto desejava. Não havia nada.



Ele suspirou quando seus pulmões sofreram um espasmo, seus sentidos giraram, de modo que os batimentos de suas asas vacilaram e então simplesmente pararam.

Ele sentiu-se cair, sentiu o vento e a sensação de liberdade total.

Quando sua mente caiu na escuridão, ele sorriu...

## CAPÍTULO NOVE

Vanyae sentou no parapeito da janela e olhou para fora na chuva com os olhos cegos. O tempo se adequava perfeitamente ao seu estado de espírito e ele encostou a testa no vidro, saboreando seu conforto frio, fechando os olhos em resignação.

A porta se abriu e fechou suavemente, mas ele não se preocupou em abrir seus olhos. Ele conhecia bem aqueles passos e ele não vacilou ou se assustou quando seu pai colocou a mão poderosa em seu ombro.

"Você precisa descansar, meu filho. Você não come nem dorme. Você não pode ir por esse caminho."

O príncipe inclinou-se para trás, deixando o pai segurar o seu peso por longos momentos, querendo que o tempo voltasse para se sentir como uma criança novamente, acreditando que tudo ficaria bem se o seu pai disse que sim.



O rei acariciou o cabelo suavemente, sentindo a necessidade de seu filho para algo simples e claro, fácil de entender.

Ficaram apenas assim por algum tempo, tendo o conforto da presença um do outro.

"Seus homens perguntar depois," o rei finalmente murmurou. "Eles estão preocupados."

Vanyae assentiu vagamente, muito cansado para responder à pergunta silenciosa de quando ele poderia voltar à sua vida.

Ele pegou a mão de seu pai e beijou as costas dela, puxando uma respiração profunda.

"Logo, pai. Diga-lhes que 'em breve'. Ainda não. Isso leva tempo."

O rei assentiu com simpatia, não empurrando. Ele puxou seu filho até seus pés.

"Você *vai* dormir. Você não pode continuar desta maneira e não é bom estar tão cansado. Você não pode funcionar assim, Vanyae. Faça isso por mim, se não para si mesmo."

O príncipe acenou com a cabeça entorpecida e permitiu que seu pai o guia-se através do quarto para a cama grande.

Ele tirou suas roupas com a ajuda do rei, os seus movimentos lentos e cansados, como um sem vida. Por fim, ele deitou-se, devagar e com firmeza. Com cuidado.



Veslan cobriu seu filho com as mantas grossas e garantiu que havia água perto da cama e que o fogo foi alimentado para durante a noite, ele lançou um último beijo na testa Vanyae e então calmamente saiu da sala com a esperança que a manhã pudesse trazer coisas melhores para todos eles.

Vanyae estava imóvel, mas mesmo cansado como estava ele não conseguia desligar sua mente e ele suspirou com resignação. O sono não viria a ele mais uma vez.

Um som fraco do lado dele o fez congelar, seus olhos voando aberto. Ele virou-se cautelosamente, quase prendendo a respiração.

Ele veio de novo, um leve murmúrio, um sussurro de som de lábios entreabertos.

Ele inclinou-se, dedos trêmulos subindo para traçar as características amadas, esperança flamejante em seu coração.

Olhos dourados se abriram lentamente, tontos e confusos. Eles finalmente focaram em Vanyae e ele prendeu a respiração, esperando... Temendo que eles mostrassem o ódio ou repulsa ou...

Em vez disso, lágrimas subiram para o brilho de ouro e Vanyae se aproximou, com as mãos emoldurando o rosto do jovem, lábios suaves beijando fora a umidade que começava a trilhar pelas faces pálidas.

"Vanyae..." A voz era fraca e rouca. "Mestre!"

O príncipe sorriu, embora seus lábios estivessem finos com o esforço para controlar tudo o que ele sentia.



"Não, Anyar. Não mestre. Amante, companheiro, amigo, tudo isso e mais, mas nunca senhor novamente. Você não é um escravo, mas sim meu amado." Suas próprias lágrimas caíram e os dedos de Anyar tocou-as em maravilha.

"Como...?" Anyar lambeu os lábios levemente. "Eu morri."

Vanyae balançou a cabeça, inclinando-se para beijar-lhe os lábios. "Eu peguei você, meu amor. Nós dois caímos. Nós batemos em algumas árvores. Você atingiu sua cabeça e o médico estava preocupado que você nunca acordasse. Já se passaram quase duas semanas."

Anyar piscou atordoado, tentando entender. Só então ele viu a tala e atadura na asa direita do príncipe.

A preocupação repentina no rosto do jovem fez os olhos de Vanyae se aliviarem momentaneamente. "Eu quebrei minha asa." Vendo o horror no rosto de seu amante, ele falou suavemente. "Isso vai curar bem, dizem eles. Não se preocupe, pequeno. Eu vou ficar bem."

Anyar se acalmou, deixando seus dedos trêmulos tocarem o curativo, como que para certificar-se.

Vanyae chamou a atenção de Anyar com a sua voz. "Eu não tenho saído do seu lado, meu amor. Eu não podia!" Ele engoliu em seco. "Eu tenho sido um tolo, Anyar. Te tratado tão mal. Eu não entendia o que eu tinha, o que eu sentia. Por favor, me perdoe. Por favor, fique."



O desespero em sua voz tocou Anyar profundamente e ele colocou os dedos nos lábios do príncipe para deter o fluxo de palavras.

"A guerra?" Este é o mais importante dos temas a fazerem sua respiração acelerar.

Vanyae fez um trejeito castigado.

"Tanyan viu como eu me sentia. Eu não era exatamente sutil. Ele estava relutante, mas ele parece realmente sentir algo por você." Vanyae endureceu um pouco e uma pitada de ciúme entrou em sua expressão. "Ele me disse que se eu te machucar ou te tratar mal haveria uma guerra." Houve uma maravilha fraca então em sua voz. "Ele chamou os seus homens de volta."

Anyar fechou os olhos por um breve momento, sentindo tanto uma tristeza por nunca ver Tanyan novamente quanto uma resignação sobre o que nunca tinha sido destinado a ser.

"Você me ama." Ele poderia apenas sussurrar as palavras, tão assustadoras eram elas ao dizer.

Vanyae o beijou e isso estava lá em seu toque.

O príncipe acariciou seu cabelo, tentou sorrir, embora ténues lágrimas brilhassem em seus olhos. "Eu não posso mudar a maneira como as coisas estão aqui em um dia, meu amor, mas juntos... Talvez um dia não haja escravos em tudo, só a liberdade. Você e eu, nós podemos começar isso. Vou começar com você. Você é livre, totalmente livre." Ele engoliu em seco. "Eu espero que você queira ficar, que você..."



Anyar esforçou-se para pôr-se em um cotovelo, a necessidade de retribuir, a necessidade de mostrar...

Vanyae sorriu, surpreso e satisfeito com a agressão súbita de Anyar quando ele empurrou o príncipe à sua volta.

Com sua fraqueza superada pela necessidade, Anyar debruçou-se sobre o seu prêmio, beijando, lambendo, saboreando cada centímetro da pele pálida diante dele.

Vanyae gemeu, uma mão acariciando os cabelos de seu amante, escuros e macios, enquanto o outro agarrava as cobertas, apertando e relaxando a cada toque.

O jovem passou muito tempo sobre os mamilos sensíveis, amando a maneira como o príncipe se contorcia sob a sucção, a respiração começando a entrar forte e rápido.

Mas Anyar queria mais.

Ele beijou a sua maneira para baixo e deu uma lambida amorosa no eixo enorme diante dele, sua paixão crescente, enquanto observava-o saltar e engrossar ainda mais. Então ele deslizou o corpo em decúbito dorsal, forçando-se até se sentar em seu amante, seus braços um pouco instável quando ele preparou-se sobre o peito poderoso.

Vanyae assistiu-o, os olhos verdes acesos e estendeu a mão ao seu companheiro constante. "Nós temos que esperar..."

Anyar balançou a cabeça. "Eu preciso. Eu quero fazê-lo meu. Quero que você me faça seu. Nós precisamos disso."



O príncipe acenou com a cabeça, estendeu a mão para a mesinha ao lado da cama e puxou o óleo de sua gaveta.

Com suas mãos ainda instáveis, Vanyae derramou um pouco do óleo sobre seus dedos e se aproximou de Anyar para pressionar contra a doce entrada para o corpo de seu amante.

Ele empurrou com um dedo, sua respiração captura, enquanto observava Anyar arquear com prazer, um gemido escapando de seus lábios entreabertos. Algumas estocadas suaves, depois dois dedos.

Anyar se inclinou e beijou os lábios de seu príncipe enquanto empurrava seus quadris para trás para satisfazer os dedos que deslizavam dentro e fora de seu corpo, enviando faíscas através de seus nervos com cada estocada.

Três dedos lhe conseguiam jogando a cabeça para trás e apertando sobre eles, enquanto gritos de prazer enchiam a sala de som.

Anyar não aguentou mais. Puxando os dedos demasiado lentos, ele colocou a mão por trás dele e posicionado eixo de Vanyae de forma duro. Com um grito agudo, ele deixou seu peso abaixá-lo, enterrando a lança enorme com uma estocada.

Vanyae arqueava abaixo dele, um grito seu sendo o eco do de Anyar.

Mal respirando, Anyar começou a montar forte o seu príncipe, choramingando na dor/prazer, amando a sensação de ser totalmente preenchido, o seu corpo lutando para tomar tal intruso grande. Cada movimento escovava em seu ponto de prazer interno, fazendo seu corpo estremecer e se contorcer, seus dedos enrolarem com a sensação.



Vanyae segurou seus quadris, começando a bombear enquanto Anyar descia e balançou com a força de sua paixão, o suor começando a escorrer por seus corpos.

Mais rápido, mais rápido, gritos suaves e gemidos, suspiros e gemidos, mais e mais, suas bolas apertadas e duras ao ponto da dor, suas respirações suspensas até que eles achavam que não poderiam ir para outro momento e então eles gritaram em uníssono. Eles voaram juntos, como um só.

Anyar desabou no peito de seu amante, saciado, atordoado, satisfeito em alguma parte profunda dele, sentindo os lábios de Vanyae sobre sua têmpora.

"Meu pequeno," o príncipe murmurou, com um sorriso em sua voz. "Eu acho que teria feito até mesmo os nossos antepassados, orgulhosos."

Anyar riu e abraçou seu grande companheiro, asas negras e brancas se misturando.

